BOLETIM DA CMF Nº 63 DEZEMBRO 2017 ISSN 1516-1781

SUMARIO

EDITORIAL, 2
REIS DA SEMPRE VIVA - COMUNIDADE DO MARACANÃ, 3
Lilian Brito Alves
MÚSICAS DO CATOLICISMO POPULAR: Bendito de São Benedito, 4
São Luís-MA
QUEM FOI QUE AQUI NOS REUNIU?, 5
Jocy Rodrigues
A JIBOIA E A SEDUÇÃO, 5
Reinaldo Freitas Soares Junior
O CHÁ DO BICO DO PICA-PAU: será um Viagra natural?, 7
Reinaldo Freitas Soares Junior
SÃO JOÃO: UMA PAIXÃO COMPARTILHADA EM LAGO VERDE-MA, 10
Nadson Rodrigo dos Santos Alves
BÁRBARO BRINQUEDO: O Bumba meu boi do Maranhão no século do progresso, 12
Calil Felipe Zacarias Abrão
GENTE DA "ALTA SOCIEDADE" NA CASA DE ZÉ NEGREIROS, 20
Reinilda Oliveira
JANELA DO TEMPO – Uma negra do baralho: Era danada de acesa na punga, 22
Nonnato Masson
RESUMOS E RESENHAS, 25
GP MINA
NOTÍCIAS, 28
Roza Santos
OS CONTINUADORES DO TERREIRO DO EGITO, 30
Mundicarmo Ferretti
PERFIL DE CULTURA POPULAR: Dona Iolanda
– continuidade e transmissão da mina no Terreiro de São Benedito/Justino, 38
Marilande Martins Abreu

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF
CNPJ 00.140.658/0001-07

DIRETORIA 2017-2019
Presidente: Joila da Silva Moraes
Vice-Presidente: Marilande Martins Abreu
1º Secretário: Lilian Brito Alves
2º Secretário: Roza Maria dos Santos
1º Tesoureiro: Sergio Figueiredo Ferretti
2º Tesoureiro: Reinilda de Oliveira Santos

CONSELHO EDITORIAL
Lenir Pereira dos S. Oliveira
Mundinha Araújo
Mundicarmo M.R. Ferretti
Roza Maria dos Santos
Sergio Figueiredo Ferretti
Zelinda de Castro Lima

BOLETIM - Edição
Mundicarmo M.R. Ferretti
Roza Maria dos Santos
Sergio Figueiredo Ferretti
Zelinda de Castro Lima

Revisão de texto
Maria de Lourdes R. de Carvalho

Versão INTERNET:
www.cmfolclore.ufma.br

Correspondência
COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF
Casa de Nhozinho
Rua Portugal, 185 – Praia Grande
CEP 65010-480 – São Luís-MA
Fone: (0xx98) 3218-9952; (0xx98) 3218-9951

As opiniões publicadas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não comprometendo a Comissão Maranhense de Folclore.

EDITORIAL

O Boletim da **Comissão Maranhense de Folclore**, do mês de dezembro de 2017, com o artigo *Reis da Sempre Viva*, de Lilian Alves, se integra ao ciclo natalino do folclore brasileiro, mas dirige também a nossa atenção para festividades que ocorrem em outras épocas do anos, como a de São Sebastião, em torno de 20 de janeiro, fornecendo a letra de um *Bendito de São Sebastião* (música do catolicismo popular) cantado em terreiros de São Luís, e divulgando uma homenagem ao Rei Sebastião, associado àquele santo, realizada pelo belíssimo Livro-CD *Encantaria*, do Grupo Anima. Traz também a letra de musica do saudoso Pe. Jocy Rodrigues, que, se vivo fosse, teria completado cem anos em 2017, juntamente com o consagrado escritor Josué Montello, homenageados por Roza Santos em "NOTICIAS". Roza também noticia, em 2017, a comemoração dos 200 anos de fundação do Teatro Arthur Azevedo, com justa homenagem ao compositor maranhense João do Vale, idealizada por Celso Brandão, atual diretor daquele teatro.

O Boletim 63 direciona a nossa atenção para o *Carnaval* - que ocorre em fevereiro ou em março, embora tenha seu "primeiro grito" no dia 31 de dezembro -, com o artigo de Nonnato Masson: *Uma negra do Baralho*, relembrando o tempo de "outros carnavais" animados pelo Baralho, Caninha Verde e tantas outras brincadeiras "que os anos não trazem mais". Nesse artigo o *Baralho* é relembrado por Nonnato Masson juntamente com outras manifestações folclóricas, como o Tambor de Crioula, que continua muito fortes na capital maranhense e que se tornou ali mais conhecida e valorizada por diferentes segmentos da sociedade. O Boletim 63 da CMF divulga também um trabalho de Nadson Alves sobre o festejo de São João em Lago-Verde (MA), que ocorre geralmente no mês de junho, e um artigo de Calil Felipe Abrão sobre o *Bumba-meu-boi do Maranhão* no século XIX - brincadeira que, embora tenha seu ápice naquele mês, atravessa, em São Luís, quase o ano inteiro e que há muito deixou de ser motivo de conflito entre a população de baixa-renda, a policia e a elite econômica e social de São Luís.

Continuando a sua ronda sobre o passado, o número 63 do Boletim da Comissão Maranhense de Folclore nos traz mais uma notícia sobre o Terreiro do Egito, aberto no século XIX na área do porto do Itaqui, próximo ao Cajual, e um levantamento de seus descendentes e continuadores, realizado com a colaboração especial de Biné Gomes, do Terreiro de Iemanjá, do saudoso Jorge Itaci, o Jorge Babalaô. Traz também um artigo de Reinilda Oliveira sobre o terreiro de Zé Negreiro, num tempo em que foi muito frequentado por políticos e por pessoas da "alta sociedade" de São Luís. E traz ainda dois artigos de Reinaldo Soares Junior sobre cultura popular em Cururupu (MA), chamando atenção para as relações entre o homem e o animal: a cobra e os pássaros.

E, para finalizar, o Boletim 63-CMF apresenta o perfil de dona Iolanda, do Terreiro de São Benedito, mais conhecido por Terreiro do Justino, no Bairro Vila Embratel – São Luís-MA, que deverá comandar aquela casa, que se encontra de luto pelo falecimento de sua mãe-de-santo, Mundica Estrela. O terreiro do Justino é atualmente o único terreiro de mina do século XIX que tem um grupo de vodunsis organizado e que está em condição de tocar tambor e de receber voduns e encantados da Mina em seus rituais.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

REIS DA SEMPRE VIVA[1]

Lilian Brito Alves [2]

A comunidade do Maracanã, uma das mais antigas da cidade de São Luís, está localizada na zona rural e tem sua origem em um aldeamento tupinambá e em famílias de descendentes de povos escravizados advindos de fazendas circunvizinhas. A localidade é privilegiada por uma exuberante natureza que integra uma área de preservação ambiental (APA). Conforme o Decreto Estadual nº 12.103 de outubro de 1991, a comunidade foi demarcada, passando a possuir uma área de 1.831 hectares, situada nas proximidades do mar, e sendo cortada por dois rios: o Rio Grande e o Maracanã. Tem como único bem tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico (DPHAP da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo), "A Capela de Santo Antônio" (ver Decreto nº 10.772, de 20 de junho de 1988, com inscrição nº 8 no Livro de tombo, para efeitos da Lei Estadual nº 3.999/78).

O Maracanã é tradicionalmente conhecido por manter a sua riqueza e diversidade de manifestações culturais de longa data, dentre as quais: o *Bumba meu boi, a Festa da Juçara, os Festejos de Santo Antônio, de São Sebastião, de São Benedito, de São Pedro, de São Miguel, e as Festas para o Divino Espírito Santo e para a Santo Reis*.

Sem dúvidas, uma das mais consagradas manifestações culturais do Maracanã é o popular *Festejo de Santo Reis*, que acontece há mais de meio século, mobilizando toda a comunidade em sua realização. Existem três grupos: *Reis do Alecrim, Reis da Sempre Viva e Reis das Nuvens*.

A *Festa de Reis* é a denominação da manifestação folclórica do ciclo natalino em São Luís do Maranhão que representa a visita dos reis magos ao Menino Jesus, sendo o seu início geralmente no dia 24 de dezembro e se estendendo até o dia 6 de janeiro, dia de *Santo Reis*. É uma festa do catolicismo popular tradicional e, geralmente, uma devoção de tradição familiar.

O *Reis ludovicence* é dançado em cordões tradicionalmente formados por moças e senhoras, por cantores e dançarino, além de personagens como: reis, pastoras, rainha rica, rainha

[1] Texto elaborado para a Exposição "Reis da Sempre Viva", realizada entre 01/12/2017 a 06/01/2018 no Museu "Casa de Nhozinho" – São Luís-MA.
[2] Turismóloga, membro da CMF, Diretora do Museu Casa de Nhozinho

pobre, damas e vassalos. Em relação às etapas para a organização e realização do festejo, podemos mencionar as reuniões, a armação do presépio, os ensaios e as apresentações.

Além de diálogos, as apresentações contêm cantos e músicas, e estão divididas nas seguintes etapas: a "abrição" da porta, a entrada, a louvação ao Menino Jesus, as oferendas e o encerramento com a queimação das palhinhas do presépio. Entre os instrumentos de sua pequena orquestra podem ser citados: clarinete, piston, banjo e tarol, além dos pandeiros e das castanholas, que geralmente são tocadas pelas participantes do cordão.

O Grupo de **Reis da Sempre Viva** tem mais de cinquenta anos de existência e suas cores são o amarelo e o branco. Foi organizado por Vicentina Ferreira Bernardes, que, aos doze anos, já fazia presépios de boneca de pano e, com o passar do tempo, começou a organizar o festejo de Santo Reis com radiola, reis e rainhas. No ano de 1981, Dona Vicentina Bernardes passou o presépio para sua sobrinha Maria do Espírito Santo que, juntamente com Rosa da Silva Bernardes, começou a organizar a festa na casa de sua mãe e, dessa data em diante, Joana da Silva Bernardes é quem está à frente do grupo *Reis da Sempre Viva*.

É importante ressaltar que a escolha do nome do festejo deve-se a relação intrínseca existente entre os moradores e a planta de mesmo nome, pois a comunidade é muito ligada à flora. E, ao escolher o nome do grupo, sua preferência foi para o de uma flor, a **Sempre Viva**, da ***Helichrysum bracteatum***, mais conhecida como Sempre Viva ou como Flor-de-palha. A Sempre Viva é uma planta herbácea anual com folhas muito delicadas e flores pequenas, bastante chamativas, conhecidas por serem extremamente duráveis, tolerantes a baixas temperaturas, mas podendo também serem cultivadas em climas mais quentes. Há quem diga que, mesmo depois de colhida, a flor pode permanecer viva por 60 anos ou mais**.**

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

CATOLICISMO POPULAR:

Bendito de São Sebastião

(São Luís-MA)

I
Oh! Mártir de Cristo
Que tanto sofreste
Meu santo Varão
Livrai-nos da peste
Glorioso mártir
São Sebastião

II
Salve Cristo puro
Que tanto poder
Estrela luzente
Prodígio da Graça
Que vos alcançaste
Do Onipotente

III
Nasceste do berço
Que tempo cruel
Do vil paganismo
Porém a fé santa
Que vos alentava
Vos deu o batismo

IV
Desde menino
Já vos indicava
O anjo da luz
Foste defender
A religião santa
A fé de Jesus

V
Fostes prisioneiro
Oh! Divino santo
Fostes amarrado
Em uma laranjeira
De setas passadas
E todo crivado

VI
Morrendo na fé
Repleto de crença
Disseste assim
Eu morro por Jesus
O meu Salvador
Que morreu por mim

VII
Fazei que na morte
Oh! Bom defensor
Tenhamos a dita
De ver a Jesus
E de contemplar
Na glória infinita

VIII
São Sebastião
Amado de Deus
Senhor da vitória
Lembrai-vos de nós
Já que vos achais
Na eterna glória

IX
De Deus alcançamos
O que vos pedimos
Graças e salvação
Ouvir o bendito
Que agora rezamos
Com devoção

X
São Sebastião
Pelo vosso gozo
E glória também
Livrai-nos da peste
Glorioso Mártir
Para sempre amém.

(Cantado em Ladainhas realizadas em terreiros de Mina e de Umbanda de São Luís-MA, em torno do dia 20 de Janeiro, em louvor a São Sebastião. O 1º verso é repetido como refrão).

Quem foi que aqui nos reuniu?
*– Pe. Jocy Rodrigues**

I

Quem foi que aqui nos reuniu?
– Foi o amor!
Quem foi que, um dia, na cruz nos redimiu?
– Foi o amor!
Quem livrará do fracasso este mundo?
– É o amor!
Quem é maior? – É o amor!
E o mais profundo? - É o amor!
Juntemos nossas vozes e demo-nos as mãos,
Assim ninguém nos poderá vencer...
Pelo Cristo Libertador, n'Ele, por Ele
Libertaremos este mundo - Pelo amor!

II

Que levaremos nós daqui? – É o amor
Qual a mensagem que vamos transmitir?
- É o amor!
Como é possível nossa vida transformar?
– Pelo amor!
E o mundo todo – Pelo amor!
Valorizar? – Pelo amor!

(...)

- ** Jocy Rodrigues - Sacerdote maranhense, de Totóia, nascido em 1917 e falecido em 2007; autor de vasta obra musical unindo cultura erudita e popular.*

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

A JIBOIA E A SEDUÇÃO[3]

Reinaldo Freitas Soares Junior[4]

Reinaldo 05/042017

Conversando com alguns professores e moradores do município de Cururupu, foi-me relatado certa história sobre um tipo de *trabalho* que é realizado com o olho de uma cobra. O da jiboia em particular.

Segundo os moradores o indivíduo que ingere o olho direito desse animal, sendo do sexo masculino – não nos foi informado se mulheres fazem uso desse mesmo artificio – e olhar para uma mulher que deseja, esta será conquistada por ele. No entanto, não basta apenas ingerir o olho do animal, é preciso realizar um *trabalho* sobre o mesmo. Que de acordo com meus interlocutores pode ser realizado por um *curador* ou pajé e até mesmo a própria pessoa que deseja tal benefício de conquista.

É pelos olhos que o homem vai seduzir a mulher desejada, ele precisa observá-la e realizar uma troca de olhares com ela. Depois de tal ato realizado, ele não terá dificuldade de conquistá-la.

Os procedimentos do *trabalho* não nos foram especificados, a não ser recomendações de advertência, como: após retirar o olho do animal ele não pode ser morto, deve ser solto. Outra recomendação é que a pessoa que ingeriu o olho do animal não pode almoçar com sua mãe porque, segundo um dos nossos informantes, a mãe desta pessoa poderia se sentir atraída por seu filho, com um desejo incestuoso, isto porque o *trabalho* que foi realizado objetiva a conquista, a sedução, com finalidade sexual.

A explicação desse desejo desenfreado que poderia surgir na mãe do indivíduo que realizou o *trabalho,* seria justificado, segundo o morador do município, pelo fato de que neste momento o animal também estaria se alimentando. Sendo assim, se estabelece um tabu[5] entre mãe e filho em relação a se alimentarem juntos contudo no horário do meio dia.

---

[3] Ensaio produzido com informações de moradores do município de Cururupu no ano de 2016.
[4] Mestre em Ciências Sociais pelo PPGSOC da UFMA.
[5] Proibição que pode acarretar malefícios ao indivíduo que transgrida uma regra ou lei.

O porquê do uso do olho da cobra pode ser explicado no fato que este animal olha frontalmente nos olhos da sua vítima a ponto de parecer hipnotizá-la, até dá o bote. Antes de usar suas presas ou seu corpo, ela primeiro fita a presa com os olhos. E é a partir de semelhante ação que o homem que fez tal *trabalho* vai agir para conquistar as mulheres. Com o olhar que segundo nossos interlocutores não é mais o mesmo, possui um poder de sedução, basta olhar para uma mulher com a intenção de conquista e ela se sentirá atraída pelo sedutor.

Há um fundamento mágico ou princípio homeopático nesta ação. No que diz respeito que uma ação semelhante gere uma semelhante:

> Acreditasse que a magia atua: (a) por contágio, isto é, quando a pessoa leva consigo partes de um animal para adquirir-lhe as características ou proteger-se dele; ou quando carrega um objeto semelhante ao objeto desejado, ou o guarda ou o toma como remédio; (GUIA PRÁTICO DE ANTROPOLOGIA: 1971, p.239).

Segundo a tradição etnográfica não nos é estranho a relação do homem com os animais. No que diz respeito a obter determinadas qualidades ou evitá-las, que eram apreciadas ou não pelos homens.

> Os motivos mais elevados para o canibalismo entre os povos primitivos tem uma origem semelhante. Incorporando partes do corpo de uma pessoa pelo ato de comer, adquire-se ao mesmo tempo as qualidades por ela possuídas. Isto, em certas circunstancias, conduz a precauções e restrições com a dieta. Uma mulher com filho pequeno evitará comer carne de certos animais, por temor de algumas qualidades indesejáveis que possam ter (a covardia, por exemplo) sejam transmitidas ao filho que está sendo nutrido por ela. (FREUD: 2006, p.93).

Eis a questão do totemismo, que seria a representação de um pai ancestral e comum de uma horda ou clã por exemplo:

> A crença, também comum, mas de modo algum universal, de que o ancestral original do grupo de descendência fora realmente um animal de espécie totêmica, inspirou Freud a teoria de seu Totem e Tabu, publicada em 1913, um ano após o Formas Elementares da Vida Religiosa, de Durkheim. Freud viu no ritual dos aborígines uma expressão simbólica do complexo de Édipo, o desejo inconsciente do macho humano de matar o pai e casar-se com a mãe. Segundo a sua reconstrução da vida social do que talvez devêssemos chamar de era pré-social, os seres humanos vagavam em hordas, (....). O líder da horda retinha para si todas as mulheres desta, de modo que todos os outros homens – seus filhos – tinham que procurar companheiras em outro lugar. Por fim, eles se revoltaram, mataram e comeram o pai; mas, vencidos pela culpa, não conseguiram lucrar com a vitória e, assim, impuseram-se a regra da exogamia. Este é o acontecimento comemorado na absorção anual do animal totêmico que, como se observou, é um rito que não se encontra fora da Austrália. (MAIR: 1969, p.206).

Freud em sua obra *Totem e Tabu* faz uma analogia no quarto ensaio do livro em relação a obter algo do pai e rival por meio de comer uma parte do mesmo, ação essa que não se detém unicamente ao fato da concorrência pelas mulheres, mas de não perder o vínculo completamente com ele, mesmo depois de morto.

Podemos perceber o uso de técnicas mágico-religiosas por parte dos cururupuenses com a finalidade de resolver situações da vida prática. Classifico como mágico-religioso por conta da crença que o indivíduo possui de ingerir um olho que passa por uma ação *mágica*, na linguagem deles um *trabalho*, que irá lhe conceder as habilidades desejadas.

> ... magia e religião surge das necessidades emocionais; elas são a maneira que o homem tem de enfrentar as situações que não podem controlar. A magia suplementa a técnica, como quando é invocada para fazer uma canoa navegar mais velozmente; ou lida com problemas pelos quais não existe uma técnica apropriada, como quando um jovem a usa para fazer que uma namorada seja boa para ele. (MAIR: 1969, p. 212).

As ações mágicas e religiosas possuem a função de resolver problemas que fogem ao controle humano. Ou que muitos acreditam não dá conta, então recorrem a esse recurso. Seria o

que Freud, embora fazendo uma crítica, chama de *onipotência de pensamentos*. Que teriam sua base ou origem no desejo.

> É fácil perceber os motivos que conduziram os homens a praticar a magia: são os desejos humanos. Tudo que precisamos admitir é que o homem primitivo tinha uma crença imensa no poder de seus desejos. A razão básica porque ele começa a fazer por meios mágicos vem a acontecer é, em última análise, simplesmente que o desejo. De início, portanto, a ênfase é colocada apenas no seu desejo. (FREUD: 2006, p.94).

Podemos fazer uma análise do pensamento freudiano com a ação de conquista realizada por aqueles que comem o olho do animal. Porque ele também se fundamenta no desejo, o da conquista com finalidade sexual. É um recurso, segundo meus interlocutores, que alguns homens fazem uso para conquistar mulheres que desejam.

No entanto a mais que uma valorização dos processos mentais no que diz respeito a *onipotência do pensamento* segundo Freud. Há uma crença e uma eficácia simbólica que permite o indivíduo se submeter e praticar técnicas mágicas para obtenção de conquistas que o mesmo não se julga capaz de conseguir na forma comum.

No entanto, o comum pode ser o que para alguns é o incomum, é preciso entender que determinadas práticas fazem parte do cotidiano de determinados grupos ou indivíduos.

REFERÊNCIAS:

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu.** In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* – Rio de Janeiro: Imago 2006. V. 13

GUIA PRÁTICO DE ANTROPOLOGIA; preparado por uma comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda; tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix 1971.

MAIR, Lucy. **Introdução à Antropologia Social,** Rio de Janeiro ZAHAR EDITORES, 1969.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

O chá do bico do pica-pau: será um Viagra natural?

Reinaldo Freitas Soares Junior[6]

Esse ensaio foi construído a partir de conversas casuais e entrevistas com moradores do município de Cururupu, no ano de 2017. Pois, em uma roda de conversas do cotidiano, um rapaz, em tom de brincadeira, disse a um outro que ele precisava tomar o chá do bico do pica-pau. Quando ouvimos mencionar o nome do pássaro sobre o qual já escrevemos um texto para o Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, nosso interesse foi imediato, e nos aventuramos a saber qual a outra relação que aquela ave possuía com as pessoas deste município.

Existe um chá que é feito a partir do bico do Pica-pau para melhorar o desempenho sexual masculino. Segundo informantes, deve-se extrair o bico da ave e raspá-lo com uma faca da seguinte maneira: duas vezes para cima e duas para baixo e, logo após, apanhar o pó obtido por meio desse procedimento, colocá-lo em um recipiente com pouca água e fervê-lo.

[6] Mestre em Ciências Sociais pelo PPGSOC da UFMA

Despois de pronto o indivíduo deve tomá-lo minutos antes de realizar o ato sexual, e em pouco tempo o efeito começara a surgir. Segundo nossos informantes ele deixa o pênis ereto por muitas horas.

Conversando com uma jovem do município, no dia 28 de julho de 2017, ela nos relatou com mais detalhes como é feito esse "elixir" sexual, do qual alguns moradores do município fazem uso.

A jovem havia perguntado ao seu avô porque se fazia o chá com o bico do pica-pau e se não poderia ser com o bico de outro pássaro. Na explicação do seu avô, existe uma substância no bico desta ave que não há no das outras e seu bico é mais duro também, como nos afirmou a jovem, explicando o que ouviu de seu avô, por essa razão é o pica-pau apropriado para esse tipo de *trabalho* - basta lembrarmos que essa ave com seu bico perfura a madeira do tronco das árvores, sendo que não é todo instrumento cortante ou perfurador que possui tal capacidade.

Os procedimentos, segundo o avô da jovem, são: capturar o pássaro, matá-lo e tirar a sua cabeça, e, em seguida colocá-lo em um lugar que fique exposto ao sol para secar, quando remover o bico, deve ser um pedaço pequeno, porque quando se extrair o pó se for em muita quantidade pode leva o usuário a morte. O tempo para a cabeça da ave secar é de quinze dias, tem que estar bem seco, porque se não estiver o efeito não será muito bom.

Nossa interlocutora nos disse que perguntou ao seu avó se uma mulher poderia fazer uso dele, ele lhe disse que não. Ela perguntou se só pessoas idosas tomavam o chá e ele lhe respondeu que muitos jovens o procuravam para que ele preparasse o chá do bico da ave. Segundo ele, esses jovens eram usuários de droga, principalmente de maconha. O chá tem o poder de vencer a impotência, seja natural ou ocasionada por uma vida descuidada. Ele realizava esse e outros trabalhos quando morava na praia conhecida como Vera Cruz, do município de Cururupu. Este senhor que fazia o chá era pajé, ele lia mão, jogava búzio. Sua neta nos relatou que ele andava com um paneiro[7] de farinha descoberto na chuva e não molhava um grão se quer...

A jovem nos relatou que havia entidades que conversavam com seu avó e lhe ensinavam diversas coisas, incluindo receitas dessa natureza. Uma das entidades era Maria Padilha, descrita por alguns moradores do município como um tipo de pomba-gira, que é muito associada a realização de *trabalhos* de amarrações, tipo de ação mágica que uniria pessoas, amantes.

Mas o preço desse benefício obtido pelo chá pode ser alto, trazendo malefícios para os usuários. Foi nos informado que houve homens que foram levados a Santa Casa (Hospital do município) e que já houve dois casos de óbito por conta do chá. Uma professora de história da escola C.E. Gervasio Protasio dos Santos[8], nos relatou que quando trabalhava de agente de saúde em um posto do município, em determinado dia chegou um senhor aos berros dentro de uma rede carregado por outras duas pessoas, com um lençol por cima do corpo, pois até aquele momento o efeito do chá na ereção não havia passado. O médico que o atendeu no posto de saúde, mandou levá-lo para o hospital do município, porque lá não haveria como resolver seu problema. Segundo a professora as dores pareciam ser insuportáveis.

[7] Tipo de medida que equivale a trinta quilos de farinha.
[8] Escola do município de Cururupu onde lecionamos a disciplina de sociologia

De acordo com nossos interlocutores, o avô da jovem disse a ela que não se deve tomar o chá com outro remédio, principalmente medicamentos para impotência. Como também não se deve abusar da quantidade que irá ingerir do mesmo chá ou da quantidade de pó extraído do bico do pássaro para fazer o chá. Podemos perceber, pelas informações, que esse "Viagra natural" tem por objetivo proporcionar uma ereção por muitas horas, mas o efeito pode chegar a ser tão extremo, que os indivíduos podem falecer com o pênis ereto - houve casos em que não se pode fechar o caixão do falecido.

Conversando com colegas de trabalho do Gervasio P. dos Santos, ouvimos da diretora da escola que esse chá era o Viagra de "antigamente", ou seja, anos atrás era muito usado pelos indivíduos do sexo masculino, que possuíam problemas de ereção. A mesma falou que houve um caso de um certo homem que os médicos tiveram que cortar uma parte de seu pênis para o excesso de sangue sair, levando assim o pênis a perder a ereção.

Podemos constatar por essas informações um caso de uma medicina alternativa ou mágica, no sentido de Marcel Mauss (2003) em seu clássico *Esboço de uma teoria geral da magia*, pois há um especialista que fazia o chá, uma receita caseira a partir do bico da ave, com todo procedimento especifico que o mesmo exigia para que o usuário recebesse seus benefícios, sem sofrer nenhum dano. Ou seja, o produtor de um "remédio" e seu receituário.

> Além disso, quem se serve da fórmula mágica julga possuir em relação a ela, ainda que seja das mais banais, um direito de propriedade. O camponês que diz "a receita de minha avó" está qualificado, desse modo, a servir-se dela; o uso da receita confina aqui com o ofício. (MAUSS, 2003. P. 62)

É tão oportuna a obra de Marcel Maus para esta análise, porque nos demonstra a importância do avô da nossa interlocutora, de como o mesmo era procurado por deter esse saber, e de como a jovem se sentia, dentre outros informantes que nos relataram sobre o chá, uma portadora mais que legítima para nos falar desse assunto, por ser neta desse suposto *agente* mágico.

Quando o autor faz a classificação do mágico, ele demonstra como a magia se apresenta em diversos seguimentos da sociedade e em diversas épocas, como elemento social para compor e resolver problemas da vida cotidiana dos indivíduos. Também é perceptível e caso de homeopatia, de espera do efeito do semelhante pelo semelhante. Basta lembrar da informação dada pela jovem do que lhe foi relatado por seu avô sobre o bico da ave como um dos mais duros, esperando-se assim o mesmo efeito em uma parte especifica do corpo de um homem.

Todo ato mágico tem por finalidade produzir um determinado efeito objetivo, seja a conquista de um amante, de saúde, habilidades, conforto e demais problemas que nos aparecem na vida cotidiana. E, por determinadas impossibilidades, o homem busca esclarecimentos, respostas e soluções. É neste mesmo sentido que Mauss percebe a interpretação de Frazer, *As leis da magia.* A forma como a mesma se apresentou como uma forma de ciência. Das leis três seriam apontadas como dominantes, que seriam a de contiguidade, similaridade e a de contraste. Dessas três a da similaridade é perceptível no caso relatado, pois já foi mencionado a rigidez do bico do animal, qualidade ou atributo que poderia ser repassado por meio da absorção, para uma parte especifica do corpo de um homem, para obter um semelhante benefício.

É evidente que as demais leis também podem ser percebidas, o principal atributo da ave está associado a função desempenhada pelo seu bico. A parte está no todo, inclusive seu nome "Pica-Pau" vem de sua capacidade de perfurar a madeira, demonstrando assim a contiguidade. E apenas o pó de seu bico e não ele todo ou a ave inteira, trará o resultado desejado.

O contraste também é notável, pois é desejado que uma parte do corpo do homem, que não é rígida, venha a se "enrijecer", a partir da ingestão do chá, com preparado com elemento rígido. Porém uma dúvida nos paira, nossa interlocutora se refere ao excesso ou a má absorção do chá, mesmo sendo ciente de que sempre houve uma relação da magia com a natureza e com uma atuação sobrenatural. Que substâncias químicas e físicas compõe o bico da ave? E, como já lemos em jornais que pessoas foram levadas a óbito por consumir quantidades a mais de Viagra, não recomendado por médico, assim também como no uso do medicamento com outras ou drogas. Erros semelhantes realizam nos usuários do chá, ocasionando suas mortes. No entanto, fica evidenciado que sempre houve uma "medicina popular" ou recursos médico-mágicos, para resolver os problemas do homem e da sociedade.

Referências

GUIA PRÁTICO DE ANTROPOLOGIA; preparado por uma comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda; tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 1971.

MAIR, Lucy. **Introdução à Antropologia Social,** Rio de Janeiro ZAHAR EDITORES, 1969.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma teoria geral da magia**, Antropologia e Sociologia, São Paulo: Cosac Naify, 2003.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

SÃO JOÃO: UMA PAIXÃO COMPARTILHADA EM LAGO VERDE-MA

Nadson Rodrigo dos Santos Alves[9].

Resumo: Esse texto trata da paixão que faz duas pessoas dedicarem parte de suas vidas para cuidarem de suas quadrilhas; de um sentimento que pessoas tão diferentes podem ter por uma mesma data, por algo que as ligam diretamente ao São João.

Lago Verde é uma cidade que tem pessoas muito ligadas ao folclore, principalmente quando se fala na data do **São João**. Pessoas que passam suas vidas empenhadas em fazer outras pessoas apreciarem uma apresentação maravilhosa de suas quadrilhas, pessoas que querem tirar os jovens de sua comodidade e de coisas que poderiam o prejudicar. Conheci pessoas deste feitio, pessoas que amam essa data como a nenhuma outra, pessoas como Dona Severina, minha avó, que se dedica a sua quadrilha há 14 anos, e Osmar, que se dedicou por 27 anos.

Tive o prazer de ver ambas as quadrilhas, mas, não pude participar. Acho que perdi a chance de viver uma experiência incrível!

As quadrilhas mais antigas da região de Lago Verde, Estrelinha da Roça que existiu por 27 anos e localizava-se na sede, e Estrela Guia que é do povoado Santa Luzia, e já existe há 14 anos, e segundo minha avó, irá existir por muito mais tempo. Conversando com ambos, pude

[9] Aluno do Curso de Licenciatura em Educação - UFMA

perceber o quanto essa data é importante para eles. Os olhos deles brilhavam ao falar de suas quadrilhas, algo que saía naturalmente, eles não precisavam pensar para responder algumas perguntas que eu fazia. Acho que por já estarem há tanto tempo convivendo com isso, e por amarem tanto, já sabiam exatamente o que falar – As emoções vividas.

Quando estava com eles, pedi para falarem o que os fez iniciarem com suas quadrilhas. Dona Severina respondeu:

> Quando comecei, era por que queria tirar os jovens de caminhos que poderiam os prejudicar, ficava olhando aquelas pessoas tão jovens e sem nenhuma diversão além de bebedeira, isso me fez pensar em algo que pudesse mudar isso, foi ai que comecei. Por uma necessidade minha de tirar eles de um caminho que não era bom.

Osmar iniciou também por esse motivo, mas, teve outro que influenciou bastante. Segundo ele...

> Eu comecei também para tirar os jovens do mundo do crime, das drogas e das confusões, mas, não foi apenas por isso, sempre gostei de trazer coisas novas para minha região, como eu viajava muito, vi uma quadrilha brincando em uma das cidades que passei, ai pensei, em Lago Verde não tem isso, dai comecei aqui na minha cidade. Tanto é que fui eu que fiz a primeira quadrilha de Lago Verde, posso dizer que o folclore junino aqui, fui eu que comecei.

A preocupação com a juventude de Lago Verde é evidente nas falas dos dois, e isso é algo que só beneficiou a cidade, pois segundo eles os jovens ficavam bem animados quando chegava próximo a essa data.

Como eu percebi a alegria deles em falar dessa data folclórica tão importante, logo fiquei curioso em saber da boca deles o que os fez passarem tanto tempo se dedicando as suas quadrilhas. Minha avó Severina disse...

> “Essa é a data que eu mais gosto, fico ansiosa para dar início aos preparativos, gosto de ver os jovens se dedicando aquilo. Sempre passo um tempo escolhendo os melhores modelos de roupas para fazer, pois quero ver todos bem bonitos, sempre faço as roupas, só costuro para a minha quadrilha, eu amo essa data, passo um ano esperando por ela”.

A paixão de dona Severina, não é tão diferente da de Osmar, ambos desfrutam de um imenso amor por essa data.

> Eu amo fazer isso, sempre gostei de preparar minha quadrilha, não me importava com o tempo que gastava o importante era ela ficar bonita. Sempre ia atrás de novas roupas, novos estilos de danças e novos passos, sempre tínhamos algo novo para mostrar para as pessoas que vinham assistir. Ver como elas ficavam admiradas com o que os brincantes faziam era incrível. Muito bom! (Osmar).

Osmar segue falando...

> “Hoje em dia não podemos mais falar que o São João é tão importante para os jovens de Lago Verde”. Os jovens de hoje, não querem mais passar três meses ensaiando para brincar no São João, eles não sentem mais essa emoção. Muitos querem brincar apenas se forem pagos, por esse motivo parei minha quadrilha. Não se tinha mais jovens para comporem os pares! Mas, espero poder ainda fazer minha quadrilha.

Minha avó falou algo semelhante:

> “Não é mais tão fácil encontrar pessoas suficientes para brincar. Antes, muitos jovens não conseguiam brincar, pois já estava muito grande a quadrilha. Hoje não é assim, tenho que ir atrás de pessoas para brincar”.

Mas a paixão é tão grande, que os dois não pretendem abandoar suas quadrilhas, vão sempre estar presentes quando essa data estiver próxima.

> “Sempre estou presente quando está acontecendo o festejo, e sempre vou estar presente sempre que puder, se um dia minha quadrilha não puder ser feita, mas, eu estarei lá, ajudando e admirando as quadrilhas de outras pessoas”. (Dona Severina).

Pessoas apaixonadas por uma data que faz tanta gente feliz por ver vários espetáculos, não podem nos deixar tão cedo, espero que vivam bastante, para que nos impressionem cada vez mais com belas danças, músicas, quadrilhas.

BÁRBARO BRINQUEDO

O Bumba meu Boi do Maranhão no século do progresso[10].

Calil Felipe Zacarias Abrão[11]

Durante "sete longos anos", de 1862 até 1868, a brincadeira de Bumba Boi foi banida das ruas de São Luís em nome da civilização de uma cidade que crescia, possuía uma vida cultural intensa e era considerada uma das cinco mais importantes do Brasil. O Boi era acusado de ser gerador de perturbações da ordem pública que não raramente acarretava disputas com tiros e mortes. Entre idas e vindas, negociações, rebeldias ou possíveis apadrinhamentos com interesses político ou comercial, foi muitas vezes proibido de entrar na cidade de São Luís, ficando restrito ao interior da ilha ou, na melhor das hipóteses, na periferia da cidade. Mas ele nunca morreu, e tal como no seu Ritual de Morte que encerra as atividades a cada ano, sempre voltou dando um revide na civilização. A polícia que proibia, quase sempre, atendia aos apelos da imprensa reprimindo o "velho costume", tachado de obsceno, primitivo e supersticioso; críticas que, em geral, eram feitas pelo jornal que fazia oposição ao governo, que permitiu a realização do brinquedo. Algumas dessas críticas, provavelmente, obtiveram resultados imediatos, como essa do jornal "O Imparcial" que antecedeu a longa proibição da década de sessenta:

> Quando uma grande parte da população se empenha por fazer desaparecer os busca-pés, por serem fatais, concede-se licença para o estúpido e imoral folguedo de escravos denominado bumba-meu-boi, incentivo para os busca-pés, e admira-se mais que isto acontença, quando há anos a presidência ordenou a polícia que não consentisse esse folguedo, por ser oposto à boa ordem, a civilização e a moral. Quando por causa do bumba meu boi não aparecem cacetadas e mesmo facadas, é causa de uma enorme algazarra que prejudica o silêncio pertubando o sossego que deve haver para o sono, sossego que cumpre à polícia manter. Nós esperamos que a polícia reconsidere no passo irrefletido que cometeu, para não ser responsável perante a opinião pública, do mal que houver por causa do bumba meu boi[12].

Esse artigo - que é parte de uma pesquisa mais ampla sobre o "Boi" Maranhense no século XIX - visa compreender sua perseguição, a partir do fortalecimento de mecanismos de controle que buscavam disciplinar as classes inferiores dos oitocentos, reformando e reprimindo suas práticas, em busca da civilização que daria cabo do nosso atraso colonial. As críticas não se limitavam ao bumba meu boi e nem eram dirigidas exclusivamente pelos jornalistas. Em Pacheco, somos informados que autoridades eclesiásticas condenavam algumas festas populares como o "Baile de São Gonçalo" de 1851, no interior do Maranhão, e que não foram raros os conflitos entre as autoridades religiosas católicas e as lideranças das Irmandades e mesmo dessas com as autoridades civis [13].

Procurava-se construir uma imagem de modernidade, tendo como referência as grandes potências da Europa e essas ideias se propagavam da Corte para as províncias com suas dinâmicas próprias. Segundo Prado (2007), no Pará, o jornal A Voz Paraense (3, jul. 1850) criticava a brincadeira:

> O Boi Caiado, festejado na véspera de São Pedro, à noite, por mais de trezentos moleques pretos, pardos e brancos, de todos os tamanhos, que por horas esquecidas atropelavam as pedras e o capim das ruas e praças da cidade e campina, deu em resultado facadas e pauladas [...].

---

[10] Gratidão eterna ao professor Sergio Figueiredo Ferretti – PPGCSoc/UFMA.

[11] Graduado em História pela UnB – Universidade de Brasília, e aluno Extraordinário do Mestrado em História da PUC-Goiás.

[12] O imparcial – O cronista se identifica como "Um amigo da Civilização". O Imparcial, 15 de junho de 1861, in PRADO, Regina Paula dos. Todo Ano Tem. Festas na Estrutura Social Camponesa. São Luís: PPGCS/GERUR/EDUFMA, 2007.

[13] PACHECO, Dom Felipe Condurú. História Eclesiástica do Maranhão. São Luís, SENEC / DAC, 1969.

Cabe ressaltar que esta crítica à brincadeira também tinha como foco as precariedade das ruas e praças que precisavam ser modernizadas.

Apontamos as particularidades do Maranhão, onde a inteligência, ao se aproximar do final do século, estava mais próxima da chamada "Escola do Recife" para onde se dirigiam muitos filhos dos grandes comerciantes e fazendeiros, beneficiados pelo "ciclo do algodão" em meio às "Guerras de Secessão" (1861-1865) dos Estudos Unidos. Para Marques, "os periódicos desse período de caráter político tem interesses por causas momentâneas" [14]. Os jornais se tornaram o principal veículo de atuação desses intelectuais. Até a década de 40, no entanto, foi forte a presença de uma linha editorial defendendo os interesses Portugueses (CASTRO; FAGUNDES, 2011)[15], o que fica exemplificado com o jornalista Antonio Marques da Costa Soares, que foi o primeiro a dirigir um jornal no Maranhão e era português. A Província foi uma das últimas a aderir à independência do Brasil, e o jornalismo era dominado por egressos da "Universidade de Coimbra". Marcelo Cheche nos lembra dos novos hábitos que surgiram no primeiro quartel do século, como o gosto pela discussão política e os francesismos, onde os intelectuais ampliaram seu espaço na vida pública através da imprensa e atribuíam-se no dever de intervir na vida pública (GALVES, 2005)[16]. A atividade jornalística, mesmo que tardia, era intensa. O primeiro jornal, "O Conciliador do Maranhão", só começou a circular em 1821. Multiplicavam-se as gráficas. Para Frias (1978, p.63)[17], "além do Rio de Janeiro, nenhuma outra província se avantaja a esta em trabalhos tipográficos, e só a de Pernambuco a iguala". A introdução da caricatura no Maranhão, que contou com a participação decisiva do romancista Aluísio Azevedo, também foi tardia, iniciando-se em 1875 com "O Jornal Para Todos" e consistia num ataque simbólico aos segmentos sociais, num período de transição em que se aspirava à introdução da modernidade no País (COSTA FILHO, 1998)[18]. A década de 60 ficou marcada pela campanha dos jornais contra o clero que em sua maioria havia abandonado o governo e era simpático ao partido "Ultramontano" da Cúria Romana em seus embates com o Regime do Padroado do governo Imperial.

Metodologicamente o artigo se fundamenta na análise dos documentos que vêm sendo publicados há mais de duas décadas nos "Boletins" da "Comissão Maranhense de Folclore" (CMF), em pesquisa com fontes hemerográficas, coordenada por Sergio Ferretti[19], de onde retiramos os documentos: "Viva boi da Madre Deus, Respeitável Público" e "Viva o Boi do Arael: Amanhã Domingo", ambos de 1891, com os documentos transcritos por Ester Marques sobre os Bois da Amazônia de 1850 e com o trabalho organizado por Mundicarmo Ferretti[20]; a maior parte dos documentos que aqui analisamos estão inclusos nesse livro: A "Postura Municipal", de 1876; os artigos "DANÇA DOS CABOCLOS" e "DANÇAS INCOVENIENTES" também publicados em 1876 e outros dois, "O BOI" e "FOLK-LORE", que apesar de terem sido publicados já do período republicano, foram aqui incluídos por nos ajudarem a entender as razões da perseguição e possíveis continuidades. Esses trabalhos foram

[14] MARQUES, Francisca Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária,1999, p.56).

[15] CASTRO, Silvio Rogério Rocha de e FAGUNDES, Esnel José. FOTOGRAFIA E IMPRENSA NO MARANHÃO: O INICIO. São Luís, "Revista Cientifica do Departamento de Comunicação Social da UFMA, Janeiro/Junho" – Ano XIX – N° 8.

[16] GALVES, Marcelo Cheche. Escritores públicos em São Luís no primeiro quartel do século XIX, in V Encontro Humanístico, São Luís, UFMA, 2005.

[17] FRIAS, J.M.C. Memórias sobre a tipografia maranhense. 3 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

[18] COSTA FILHO, Francisco das Chagas. Caricatura: semelhança e equivalência na comunicação gráfica. Coleção Prata da Casa: Comunicação Social, São Luís, n° 5, 1998.

[19] FERRETTI, Sergio. Notícias sobre o negro e festas populares em jornais Maranhenses entre 1858 e 1939 (Org.) São Luís: UFMA, 2014.

[20] FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Um caso de polícia! Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977. – São Luís: EUFMA, 2015.

cotejados com a bibliografia historiográfica acadêmica dos centros de pesquisa sobre as perseguições às manifestações da cultura dos Africanos e descendentes[21].

Um quadro geral da religiosidade e da Cultura Popular Maranhense no século XIX pode ser encontrado em FERRETTI (2007)[22]. Utilizando-se de PACHECO (1969), o pesquisador afirma que, as entradas solenes dos Bispos eram motivo de grandes festivais religiosos, com apresentações teatrais barrocas, com danças ciganas, dragões, serpentes, *tourinhas* (grifo nosso), semelhantes às procissões de Corpus-Christi, que, segundo João Lisboa, eram financiadas pela Câmara da cidade de São Luís. O almanaque do Maranhão de 1848 constata para o período 20 procissões religiosas e 47 festas de igreja, sendo que a maior delas era a de nossa Senhora dos Remédios, que é citada pelo viajante Daiel kidder[23], que visitou São Luís em 1841. Sobre os toques dos tambores, Ferretti nos lembra que Mott (1993)[24] não encontrou nenhuma referência à prática de rituais e cerimônias religiosas no Maranhão Colonial, o que ele atribuiu à intensa clandestinidade que abafava os sons dos atabaques. Ferretti afirma que a referência mais antiga relacionada a toque de tambores que ele conhece é a de frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. Já em 1818, o frei falava que a irmandade de São Benedito dos pretos era a mais numerosa da urbe e que os escravos faziam uma dança denominada de Batuque, nome oriundo do tambor que comandava a festa; ainda com Ferretti somos informados que o jornal "A Tarde", de 1835, publicou matéria contra os negros "que fazem certa brincadeira ao costume de suas nações" e que o código de posturas de 1866, proibia a realização de batuques fora dos lugares permitidos pelas autoridades. Constatou, para o ano de 1870, o funcionamento em São Luís de aproximadamente 30 irmandades católicas (Emanuela Ribeiro e Jacira Pavão), com uma média de 20 cargos administrativos, sendo que a maior delas, a de São Benedito, possuía aproximadamente 300 membros.

Esse artigo se desenvolve tomando por base uma crônica publicada no "Semanário Maranhense" por João Domingos Pereira do Sacramento em 1869 (Boletim CMF, n. 37, 2007)[25] - uma raridade entre os redatores Maranhenses do Império que se limitavam a reclamar do barulho e da ameaça à ordem que o "folguedo" representava e a clamar pela intervenção policial, numa descrição quase sempre em negativo, mostrava o desinteresse pela cultura não erudita. Para Marques, "desperta os cronistas dos jornais de vida efêmera a noticiá-lo como acontecimento marginal" para mais adiante apontar:

> [...] exigir uma participação política na construção do país e reivindicar direitos negados. Por isso o boi aparece diante dos periódicos já em 1820 como um folguedo agressivo, violento, baderneiro, insólito, barulhento e atentador da ordem moral. Mas, principalmente como uma brincadeira de negros, cativa de punições e proibições desde 1814 (MARQUES, 1999).

O poeta Humberto de Campos nasceu no Maranhão e morou em Parnaíba no norte do Piauí, a cidade mais boieira do Piauí, escreveu, na virada do século XIX, no Rio de Janeiro – quando estava no auge de seu prestígio –, que supunha que "as medidas policiais já terão provavelmente acabado com isso no norte" (REIS, 1986, p. 60)[26]. O Boi Parnaibano foi e continua sendo muito forte, mesmo que nos últimos quatro anos os principais Bois tenham boicotado o campeonato organizado pela prefeitura; e continua significativo em outras cidades da região norte, como Buriti dos Lopes, Barras e Batalha, ao contrário do que vem ocorrendo com o restante do estado. Na capital Teresina, só restou um Boi de grande porte, já que o outro atravessou a ponte e foi para o Maranhão onde a boiada costuma receber um apoio maior dos

---

[21] ABREU, Martha. O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900 – Rio de Janeiro: Nova Fronteira: São Paulo: Fapesp, 1999.

[22] FERRETTI, Sergio. Preconceitos contra Religiões e Festas populares no Maranhão, in. IX simpósio da associação brasileira das Religiões: Viçosa, MG, 2007.

[23] KIDDER (1841)

[24] MOTT (1993)

[25] Comissão Maranhenses de Folclore

[26] Reis

governantes. Se o seu boi morrer maninha, manda buscar outro no norte do Piauí rapidinho que ainda dá tempo.

Não raramente, os reclames da imprensa Maranhense foram encampados pelas autoridades, como na "Postura Municipal" de 25 de agosto de 1876:

> Art.2ª Ficam prohibidas nesta capital as danças denominadas vulgarmente de caboclo, congo, bumba, chegança e outros folguedos populares da mesma espécie sem prévia licença da câmara municipal da capital. Aos contraventores a multa de seis mil reis, o dobro na reincidência e oito dias de prisão.[27]

Vieira Filho nos lembrava que a polícia de São Luís, no século XIX, proibia frequentemente a realização de folguedos de negros, pois poderiam degenerar em perturbações da ordem pública[28]. Para sair às ruas, os Bois precisavam retirar uma licença junto à secretaria de polícia. Sergio Ferretti (2007) nos informa que Emanuela Ribeiro encontrou 59 pedidos de licença para o Boi brincar entre anos de 1876 e 1913, o que parece ser significativo, porque só para Festa do Divino foram encontrados uma quantidade superior de pedidos de licença, mesmo sendo o Boi o Brinquedo mais perseguido na história da cultura popular do Maranhão. Para Mathias Assunção, as autoridades estavam mais preocupadas com as revoltas de escravos do que com o "fetichismo" dos negros, mas, em períodos de intranquilidade, ordenavam o fechamento dos batuques e a destruição dos tambores[29].

Sacramento, ao contrário, descrevia de forma positiva a brincadeira, quando adolescente viu o "Boi" nas ruas de São Luís, constatou sua proibição e retomada; quando já era um "homem moço", se deparou com um outro "Boi", transformado pela falta de atividades e pelo progresso que estava alterando o comportamento das classes populares. Novos instrumentos, personagens, toadas, que, na opinião do autor, eram inferiores aos que ele viu criança. Suas informações sobre os personagens do "Auto" parecem confirmar as objeções de Laura Cavalcante quanto à existência de um "Auto" original (GONÇALVES, 2009)[30]. O autor não estava preocupado em ser lido na posteridade, escreveu uma crônica que fechou e edição do jornal para ser lido na primeira semana de julho de 1869 por homens jovens como ele, que, como ele, viram a brincadeira antes e depois da proibição policial. A tarefa de interpretação do texto é mais complexa para nós que lemos o texto 150 anos depois de publicado. Depois de louvar a volta do folguedo e parabenizar as autoridades que permitiram a sua volta, Sacramento passa a reclamar das inovações introduzidas na brincadeira dizendo que "[...] não encontrei a graça antiga na tagarelhice desconchavada do doutor pisa macio, nem nos requebros da mãe Catharina (*sic*), nem no aparvalhado ridículo do célebre pai Francisco, barrica de mala velha"[31].

Não estou seguro que o autor esteja falando apenas que esses personagens voltaram sem graça anterior, é possível também que alguns desses personagens centrais no "Auto" pelo menos no Maranhão, Amazônia e no Piauí, sejam novidades introduzidas nos folguedos, o que nos remete a questão modernista de um "auto" original. Pai Francisco continua presente no boi maranhense mesmo com o enfraquecimento do "Auto" decorrente da transformação da brincadeira num espetáculo. Mesmo perdendo espaço e importância, continua engraçado, irreverente. Pai Francisco e sua esposa são personagens centrais do auto e ao lado do ritmo marcam na visão do movimento folcloristas a participação do negro no folguedo. Enquanto os

---

[27] A Pacotilha

[28] VIEIRA FILHO, Domingos. Os escravos e o código de posturas de São Luís. In: Revista Maranhense de Cultura. São Luís, FUNCMA, II, jan-jin 1978, 2, pp.16-21).

[29] ROHRIG ASSUNÇÃO, MATHIAS, Popular culture and regional society in nineteenth-century Maranhão, Brazil. In : bulletin of American Research, vol. Q14, N° 3 pp 265-268, Great Britain, 1995. In FERRETTI, Sergio. Preconceitos contra Religiões e Festas populares no Maranhão, in. IX simpósio da associação brasileira das Religiões: Viçosa, MG, 2007.

[30] GALVES, Marcelo Cheche. Escritores públicos em São Luís no primeiro quartel do século XIX, in V Encontro Humanístico, São Luís, UFMA, 2005.

[31] SACRAMENTO, João Domingos Pereira do. Chorica Interna, in Semanário Maranhense. São Luís, cinco de julho de 1868.

muitos "Pais" desapareceram dos contos, da poesia e da canção popular[32], Pai Francisco segue firme e forte no Maranhão, mostrando que "a memória dos tempos do cativeiro ainda é um referencial identitário e político importante para a comunidade afro-descendente [...]". Sua esposa é que vem desaparecendo de muitos bois de "sotaque" de matraca. No final da crônica, o autor nos fala da tradição de "sepultar" o boi na baixa do Apicum, "bem que a carcaça já lhe estivesse arrebentada de cacete e fogo". O autor está descrevendo de forma mais palatável para os seus leitores o atual "Ritual de Morte" que fecha a temporada "Joanina", ou o Ritual de Morte do Boi era bem mais simples naquela época?

O autor não se limita a descrever as mudanças, mas busca explicar suas causas que seriam encontrados na falta de prática decorrente da proibição e pelo "progresso" pós 1850. Para Sacramento, "esse século dá cabo de tudo e extingue as melhores coisas". Até a antiga "mulata" desapareceu de São Luís com a propagação da "moda francesa", desaparecendo também das toadas dos "Bois". Certamente o autor não viveu o bastante para ver a antiga "mulata" sendo substituída pela "Morena bela", de cor indefinida, que é uma forma modificada da anterior, provavelmente um pouco mais branca, mas que ainda assim, nos remete a sua anterior. Para Abreu[33]:

> [...] a mulata pode ser mais bem definida como mestiça, fruto do encontro das raças, embora sempre seja difícil determinar a sua cor (nos dicionários pesquisados, vem associada à cor trigueira dos mouros), a morena e o crioulo são designações amplas o suficiente para englobar muitas situações.

Fica evidente que não era só a perseguição policial que enfraquecia o "Boi", mas também a verdadeira campanha dos jornais, que associava a brincadeira às classes mais baixas da sociedade onde os negros eram maioria; em 1875 os negros e mestiços representavam dois terços da população da província do Maranhão[34]. O "Boi" era um costume da época dos "nossos avós", festa de aldeia que não combinava com uma cidade que se modernizava. A despeito disso, o autor afirma que uma multidão continuava a acompanhar o brinquedo. Quanto à cronologia, o texto também é importante, ao afirmar que a brincadeira é do tempo dos "nossos pais e avós", o que torna a brincadeira maranhense presente pelo menos desde os anos 20 do século XIX tão antiga quanto à Pernambucana do Padre Lopes Gama do "Carapuceiro". Salientamos, também, a coincidência entre as bruscas inovações introduzidas com a retomada da brincadeira de Boi e a "Guerra do Paraguai" (1864-1870). Chamamos de coincidência pela impossibilidade de estabelecer conexões entre a guerra que promoveu o contato das classes populares de diferentes regiões do país e o "Boi" do Maranhão que, para ficarmos só num exemplo, voltou tocando um novo instrumento, a "Matraca", que se tornou com o tempo, uma espécie de marca do "Boi" Maranhense.

Mundicarmo Ferretti sugere, em uma de suas pesquisas (BARROS, 2015), que a república foi mais aberta à cultura popular. Logo em 1891, o Jornal Pacotilha (19 jul. 1891) já noticiava em forma de convite à "Morte" do Boi da Madre Deus, mesmo não utilizando o termo Morte, fique evidente tratar-se do Ritual de encerramento pela data do evento e onde Pai Francisco é apontado como uma das atrações principais, é tratado como jocoso, e sua esposa Catharina (*sic*) como espirituosa. No mesmo jornal, no final de semana seguinte, é publicado um convite para a festa do Boi no bairro do Areal, onde a Morte do boi é explicitamente anunciada e tratada como um acontecimento familiar:

> Viva o boi do areal: Amanhã Domingo. Grande função: o proprietário do boi do Areal previne ao público que no domingo 26 do corrente à tarde terá lugar a morte do mesmo boi e que para essa função, convida a todas as pessoas que quiserem assistir a

[32] ABREU, Martha. Outras histórias do Pai João: Conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880 – 1950. In, Afro - Ásia n° 31 – 2004. REIS, João José e ZAMPARONI, Valdemir. Salvador: UFBA, 2004.

[33] ABREU, Martha. Revista Tempo - "Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos" conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920). In Tempo, Rio de Janeiro, n. 16, PP. 143-173.

[34] MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo vida e obra (1857-19130. Rio de janeiro, Minc/ INL, 1988.

> comparecerem ao Caminho Grande, na Quinta denominada Dois Leões onde se acha armado o respectivo circo. Haverá além da dança do boi, muitos trabalhos de ginástica no qual tomarão parte diversos artistas de nossa capital. O circo se acha preparado com esmero, havendo lugares especiais para famílias (grifo nosso). Cadeira = 500. Plateia = 300. (Jornal Pacotilha 25, 7, 1891, São Luís).

Se a pesquisa coordenada por Sergio Ferretti encontrou essas duas referências positivas logo no início do período republicano, encontrou muitas outras para o pós 1896, o que aproxima o tratamento dado ao bumba boi Maranhense pela imprensa de São Luís dos resultados encontrados por Martha Abreu para a cultura popular no Rio de Janeiro, que conseguiu ampliar o seu espaço a partir do governo de Prudente de Moraes, mesmo que essas conquistas ficassem restritas as regiões suburbanas. Em 1896, o mesmo jornal Pacotilha anunciava no Bairro do Anil uma apresentação de bumba boi. Não fica claro, na matéria intitulada "Festa de São João no Anil", a data da brincadeira, publicada com muita antecedência no dia dezenove. A matéria está anunciando o Ritual de Batizado do boi para a véspera do dia vinte e quatro? O batizado, mesmo com a mudança de tratamento por parte da imprensa, ainda não poderia ser explicitado? No vizinho Piauí, pelo menos em Parnaíba, a tradição aponta que, pelo menos desde os anos cinquenta do século XX, os bois só saiam do curral e iam para a rua depois da noite da véspera de São João, inimaginável pensar em batizado de boi na Parnaíba da época do Monsenhor Roberto Lopes. Não sabemos se são casos diferentes, ou se a tradição foi "inventada" tardiamente. O tratamento respeitoso da matéria fica evidente ao se nomear inclusive o presidente que estava organizando a Festa. No ano seguinte, o mesmo presidente, Albino, é citado no Pacotilha (22, jun. 1897), e somos informados que o mesmo é proprietário da "Casa Anilense", o que demonstra o interesse de alguns empresários na realização do brinquedo. Aqui, no entanto, fica claro que pelo menos nesse ano, o festejo aconteceria na véspera de São João. Outra matéria, na mesma edição do jornal, anuncia outra brincadeira de boi para a véspera da noite de São João, na Jordôa. O convite se dirige à "rapaziada do bom tom". Novamente, o termo Batizado não é explicitado. Em setembro, o jornal convidou seus leitores para a morte do boi do Arael para uma tarde noite de domingo. Percebe-se que a presença do Tambor de Crioula, era uma constante na brincadeira de boi, pelo menos nesse final de século. A festa é tratada como um "agradável entretenimento", onde "haverá muita ordem e moralidade", e o público é visto como o "ordeiro e pacato povo maranhense". O fantasma Balaiada parece ter se amenizado com a mudança de regime e a proximidade da virada do século. Na festa, o casal pai Francisco e Catharina recebem tratamento de estrelas da festa, com "suas pilherias tocantes que trará os espectadores em continuas gargalhadas". A cobrança de ingresso é uma constante nos rituais de Morte. Importante também observar que a nomeação da festa de enceramento da brincadeira como "Morte" está presente nos jornais na última década do século dezenove e que o mesmo não ocorre em relação ao Ritual de batizado dos bois. No mesmo ano, foi publicada uma matéria convidando os leitores, para a Morte do Boi da antiga rua da Boiada, que "terminará às 10 horas" e "principiará às 3:30". Se a "civilidade" fica presente no horário, a referência aos trabalhadores fica demonstrada quando afirma que segue o horário da Companhia Carril. E, no último ano do século, o mesmo Albino comerciante, de um botequim no Anil, anuncia que estará pronto para receber seus fregueses nas noites de São João e São Pedro. Pelo menos nos subúrbios, a última década dos oitocentos foi de tolerância em relação à brincadeira, que poderia ser anunciada pelos seus proprietários nos jornais de grande circulação de São Luís, festas promovidas por empresários com interesses na realização das mesmas, como os donos de botequins, festas que terminariam às vinte e duas horas do domingo e que eram pacatas e ordeiras, pelo menos era o prometido pelos realizadores. A burguesia botou canga no boi? Longe disso, sabemos que as críticas do Pai Francisco, se sobravam para todo mundo como afirmou Maria Isaura Pereira de Queiroz, numa espécie de regeneração da sociedade, uma das poucas oportunidades dos recém-saídos da escravidão criticarem seus novos senhores, e isso num estado onde as lembranças da Balaiada podem ter sido amenizadas, mas não totalmente esquecidas.

O artigo "FOLK – LORE" (PACOTILHA, 03 jul. 1915), escrito no início do século XX, ajuda-nos a entender o porquê da perseguição. O período republicano, em seu início pareceu

mais favorável à cultura popular no Maranhão, ao mesmo tempo em que persistiu, em amplos segmentos da imprensa, o mesmo tipo de crítica baseada no choque "selvageria X barbárie" do período Imperial. O texto caracteriza os brincantes de Boi como "cafajestes": "farsa grosseira que reúne alguns cafajestes em torno de um fetiche, num cancan epilético e descomposto de pandemônio. As cantigas são horríveis, desde as tradicionais". Para mais adiante afirmar que "não há enredo. O da matança do boi é de uma pobreza de imaginação absoluta, com as sórdidas facécias do pai Francisco e Catarina." Depois de elogiar o vestuário das outras brincadeiras, o cronista critica a pobreza do vestuário do Boi, o que nos remete a pobreza dos próprios brincantes; os cronistas são unânimes ao apontar que o Boi era brincado pelos mais pobres e pelos próprios escravos. Na sua crítica, sobre a pobreza dos brincantes e do seu vestuário, ele diz que:

> Bumba- meu – Boi bastam três penas d'espanador, fraques e trapos velhos e umas barbas de embira. O grosso dos cantores enverga a democrática manga de camiza." E quanto a coreografia não se compara ao Fandango e a Chegança, As meia-luas regulares de ambos, os combates simulados ao ferralhar das laminas, ao grosseiro sapateado dos comparsas do Bumba- meu- Boi.

E gradativamente o autor se torna mais claro, sempre apontando características negativas: "pela sua grosseiria, pela obcenidade da mãe Catarina, pelas chufas do pai- Francisco, o Bumba-meu Boi é de gênero inferior a quaisquer dos divertimentos confrontados". E prepara a conclusão do artigo, lembrando que em:

> Roma os baixos instintos da multidão gerassem festejos plebeus dessa espécie, como as Feceninas e as Lupercales".e concluie que:"Assim, o caráter do Bumba-meu-Boi, o seu lugar entre as festas populares tradicionais do Brasil. Nem outro é o segredo da predileção em que o têm, em detrimento dos melhores, em S. Luiz, onde, ao lado do baralho é o único divertimento porque se péla a arraia miúda.[35]

As críticas e perseguições ao Bumba meu Boi, são, portanto, parte de uma crítica mais geral à cultura e religiosidade dos negros e mestiços de São Luís. A história do Bumba Boi é uma forma de encontrarmos mecanismos pelos quais as classes subalternas tentam se impor em face das tentativas de disciplinamento das classes superiores. Na década de cinquenta do século vinte, a brincadeira ampliou espaços aproveitando-se da conjuntura nacional onde o movimento folclorista colocava o Boi numa posição de destaque no imaginário popular nacional, uma espécie de dança-mãe do folclore brasileiro. CAMÊLO nos lembra que Mário de Andrade classificou o bumba-meu-boi como o primeiro ato nacional de temática lírica, por misturar grupos étnicos e que o mesmo Mário advogava que "O boi, um animal presente em todo território, seria uma metáfora da nacionalidade" (CAMÊLO, 2010)[36]. No final dos anos 1960, a partir do Governo de Jose Sarney, o folguedo ganha impulso, e outro tipo de relacionamento é estabelecido com o estado, que se vê obrigado a reconhecer que a brincadeira ultrapassou as barreiras sociais e se impôs depois de muita negociação e luta para o exercício desse direito. O estado, então, toma a iniciativa e leva o Boi para brincar no palácio dos Leões, sede do executivo Maranhense. O Boi foi, de certa forma, um laboratório para José Sarney, que duas décadas depois, alçado à presidência da república, viu a democracia vencer a ditadura militar de onde ele era originário, mas, ao mesmo tempo, impôs limites e soube atrair as esquerdas para os limites do campo democrático. Hoje não se faz política no Maranhão sem se levar em conta o peso do Boi e, mesmo que a sua relação com o estado tenha sofrido profundas alterações e muitas de suas lideranças cooptadas pelos partidos no poder, a brincadeira continua sendo uma forma de identidade dos pobres de São Luís, principalmente entre os negros adeptos das religiões dos afro-descendentes, que, em São Luís, é majoritariamente Mina.

BIBLIOGRAFIA

[35] A Pacotilha (1915).
[36] Camêlo (2010).

ABREU, Martha. Outras histórias do Pai João: Conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880 – 1950. In: **Afro – Ásia**, n. 31 – 2004. REIS, João José e ZAMPARONI, Valdemir. Salvador: UFBA, 2004.

_____. Mello Morais Filho: Festas, Tradições populares e identidade nacional. In, CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Affonso de Miranda. **A História contada**: capítulos de história social da literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. "Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos" conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920). In **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 143-173.

_____. Conflitos musicais no pós-abolição. Brasil e estados Unidos (1890-1920), In

ABREU, Martha et al (Org.). **Histórias do pós-abolição no mundo atlântico**: identidades e projetos políticos, v. 3, Niteroi: Editora da UFF, 2014. (PDF).

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. Ao ritmo dos Bumbas: Festas, sujeitos e cidadania no Maranhão Pós-Abolição. In: ABREU, Martha et al (Org.). **Historias do pós-abolição no mundo atlântico**: identidades e projetos políticos, v. 3. Niterói: Editora da UFF, 2014.

_____. A cidade na festa, a festa na cidade: sujeitos, identidades e desigualdades nos festejos juninos de São Luís (1900-50). In: PACHECO FILHO, Allan Kardec Gomes et. al. **São Luís 400 anos**. São Luís: UEMA, 2014.

BOLETINS DA COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE.

CAMELO, Júlia Constança Pereira. Um povo feliz, uma natureza intocada, um patrimônio preservado: eis o segredo que o Estado do Maranhão quer revelar. In: CARVALHO, Claunísio Amorim (Org.). **Pergaminho maranhense**: estudos históricos, v. 1. São Luís, Café e Lápis, 2010.

CASTRO, Silvio Rogério Rocha de; FAGUNDES, Esnel José. Fotografia e Imprensa no Maranhão: o início. In: **Revista Cientifica do Departamento de Comunicação Social da UFMA**, São Luís: UFMA, jan./ jun, ano XIX, n. 8.

COSTA, Alex Silva; CAMÊLO, Julia Constança Pereira. A discriminação do bumba–meu–boi nos discursos dos diários do século XIX. **In: Simpósio de Historia do Maranhão oitocentista, 2**. São Luís: UEMA, 2011.

COSTA FILHO, Francisco das Chagas. **Caricatura**: semelhança e equivalência na comunicação gráfica. Coleção Prata da Casa: Comunicação Social, São Luís, n. 5, 1998.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Um caso de polícia! Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977. – São Luís: EUFMA, 2015.

_____. Tambor, maracá e brincadeiras de negro no Maranhão na virada do século XIX e início do XX. In: BARROS, Antonio Evaldo Almeida. Histórias do Mará em tempos de República. São Luís: Pacto Editorial; EDUFMA, 2015.

FERRETTI, Sergio. Preconceitos contra Religiões e Festas populares no Maranhão. In: **Simpósio da Associação Brasileira das Religiões, 9**. Viçosa, MG, 2007.

_____ (Org.). **Notícias sobre o negro e festas populares em jornais Maranhenses entre 1858 e 1939**. São Luís: UFMA, 2014.

FRIAS, J.M.C. Memórias sobre a tipografia maranhense, 3 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

GALVES, Marcelo Cheche. Escritores públicos em São Luís no primeiro quartel do século XIX. In: **Encontro Humanístico, 5.** São Luís, UFMA, 2005.

JORGE, Sebastião Barros. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão**. São Luís: UFMA, 1987.

LOPES, Antonio. FOLK-LORE. In, **PACOTILHA**. São Luís, 3 de jul. 1915.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular**: o caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

MARTINS, Ananias Alves. **A Mobilidade da ordem urbana na São Luís do século XIX**. Florianópolis: UFSC, 2005.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluisio Azevedo, vida e obra (1857-19130).** Rio de janeiro, Minc/ INL, 1988.

MOTT, Luís. A inquisição no Maranhão. In: Semana de História na Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 24 nov. 1993.

PACHECO, Dom Felipe Condurú. **História Eclesiástica do Maranhão**. São Luís, SENEC / DAC, 1969.
PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo ano tem**: as festas na estrutura social camponesa. São Luís: EDUFMA, 2007.
RODRIGUEZ, Angel Veja. **Crítica ao positivismo na imprensa católica Maranhense**. São Luís: SECMA, 1982.
ROHRIG ASSUNÇÃO, MATHIAS, Popular culture and regional society in nineteenth-century Maranhão, Brazil. In : **bulletin of American Research**, v. Q14, n. 3, p. 265-268, Great Britain, 1995.
SACRAMENTO, João Domingos Pereira do. Chorica Interna. In: **Semanário Maranhense**. São Luís, 5 jul., 1868.
VIEIRA FILHO, Domingos. Os escravos e o código de posturas de São Luís. In: **Revista Maranhense de Cultura**. São Luís: FUNCMA, II, jan-jun. 1978, 2, p.16-21.

JORNAIS - O cronista se identifica como "Um amigo da Civilização". In: **O Imparcial**, 15 jun. 1861.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

"GENTE DA ALTA SOCIEDADE NA CASA DE ZÉ NEGREIROS":

Terreiro de Zé Negreiros/ Legua Bogi Búa da Trindade

Reinilda de Oliveira Santos[37]

Fonte: Pacotilha O Globo (3/8/1954, p. 2)

O terreiro grande de Zé Negreiros alcunhado de Terreiro de Legua Bogi Búa da Trindade, em homenagem ao seu 'santo' de cabeça, foi aberto em 1945 no bairro do Turú, atual Posto Natureza, na época zona rural de São Luís. A casa seguia o Tambor de Mina, na linha Nagô, modelo adotado pela grande maioria das casas de Tambor de Mina, com cultos simultâneos a orixás, voduns e outras entidades: nobres, fidalgos e caboclos. Essa casa permanece viva na memória de muitas pessoas com mais de 60 anos, que frequentavam ou

[37] Mestranda no Programa de Pós-Graduação História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão. Membro da Comissão Maranhense de Folclore. e-mail: Reinilda.oliver@folha.com.br.

conheciam sua fama, que hora ou outra aparecia nos jornais na resolução de casos ou envolvendo políticos famosos.

De acordo com fotos encontradas em jornais de São Luís ficou perceptível detalhes da estrutura do barracão, mostrando parte da fachada, o que permite ver que era uma construção simples, feita de pau a pique. Esta foi a primeira estrutura, segundo depoimento do filho Itabajara Coelho, e teria pegado fogo pouco tempo depois de erguida. Com isso, houve a necessidade de uma construção mais resistente, que foi feita em formato de campo de futebol. Contudo, a casa de segredo, onde os filhos de santo eram preparados, se manteve com as mesmas características de construção da primeira e era feita de palha.

Embora esse pai de santo tenha construído outras casas no centro da cidade, essa foi a de maior representatividade no âmbito social. No começo era isolada do centro, e o único meio de transporte que lhe dava acesso era o carro de boi. Com isso, segundo relatos orais, por ser frequentado por pessoas da alta sociedade, incluindo políticos, foi necessário abrir o caminho para a passagem de automóveis, o que originou a Avenida São Luís Rei de França, atualmente, uma das principais da capital maranhense. Coelho (2014) argumenta "Negreiros era amigo de poderosos, José Sarney era próximo de papai, foi ele quem mandou abrir a estrada do Turu para poder ir ao terreiro."

O Terreiro de Zé Negreiros/ Legua Boji Búa da Trinade, promovia além das festas dos santos, apresentações de grupos folclóricos como Bumbas, Reisados, Divino Espírito Santo, Tambor de Crioula e frequentemente fazia sorteios de prêmios, entrega de presente para as crianças, dentre outras atrações, além das festas com muita comida, atraindo com isso pessoas das imediações e de outros bairros. Essa Casa buscava mecanismos de inserir a comunidade nas festividades. Uma das formas utilizadas por esse Pai de santo foi através das 'vozes', rádio instalada em alguns bairros de São Luís. Ele possuía a 'voz' intitulada "Bom Jesus dos Navegantes". Através desta, interagia com o público ouvinte e como forma de incentivar a participação fazia sorteios de muitas coisas como: ingressos para os jogos de futebol, cestas, dentre outros prêmios. Alguns desses eram doados pela própria rádio, enquanto outros eram comprados por ele mesmo.

Coelho (2014) aponta que, "até o time do Vasco da Gama, quando veio jogar na cidade, foi no terreiro de Negreiros, para conhecê-lo, já que na época diziam que quem não o conhecesse não conhecia São Luís". Na verdade, ele tinha uma relação de paixão com futebol, seu terreiro do Turu era um exemplo disso, como já mencionado, possuía formato de campo de futebol, com espaço no centro para as apresentações e as arquibancadas para os convidados. Além do respeito dos times locais, Coelho (2014) destaca que "as camisas dos jogadores do Moto dormiam no terreiro com meu pai, dois dias antes das grandes partidas, além dele benzer os jogadores." Tamanha era a crença no poder do mesmo. Essa casa foi responsável pela preparação de muitos filhos de santo que, posteriormente, constituíram seus terreiros, principalmente em Belém. Além do mais, era muito conhecido em outros lugares, o pai de santo Negreiros chegou a viajar para Guiana Francesa e Espanha, para trabalhos. "O sistema todo frequentava a casa, para a festa acontecer tinha que ter licença, mas papai era amigo dos delegados, cansei de ir buscar licença na casa deles." (COELHO, 2014)

BIBLIOGRAFIA

COELHO, José Itabajara. 2014. Entrevista concedida a Reinilda Santos.

SANTOS, Reinilda de Oliveira. *José Negreiros*: "pulava e brincava, rufava o pandeiro". **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**. Número 56, junho de 2014, p. 14-15.

Fig. 1 Diploma do Terreiro de Légua Bugi Buá Trindade: Paz, humanidade, amor, justiça, trabalho, ordem e progresso (2001). Fonte: documentação familiar

Fig. 2 Local onde funcionou o terreiro de Zé Negreiros. Fonte: Googlemaps

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

JANELA DO TEMPO

UMA NEGRA DO BARALHO

Era danada de acesa na punga[38]

Nonnato Masson[39]

Era uma negra alta, gorda e simpática, chamada Flô. Flô das Umbigadas. Flô porque Florência; das Umbigadas porque era danada de acesa na punga do tambr-de-crioula, nas umbigadas da dança do caroço, o carimbó.

Maranhense da Ilha, ela dizia ter nascido no beco do Prego quando demoliram o Palácio das Lágrimas, no largo de São João. Nem bem começou a botar peitos e já vendia as talagadas de cachaça para os embarcadiços, numa barraca de sua mãe, na praia do Caju.

Foi fêmea de muitos machos, marinheiros de cabotagem com tatuagem de sereia, nos baixos de pardieiro assombrado na rua do Trapiche, onde tinha venda de comes e bebes, quituteira de mão-cheia e de bom paladar no guisado de sururu com leite de coco, pimenta-de-cheiro e cheiro verde.

Flô foi, acima de tudo, a divina dama dos antigos carnavais de São Luís do Maranhão, feitos de brincadeiras, bailes de meia-máscara e de máscara de meia preta de mulher, dominó,

[38] MASSON, Nonnato. **Corpo de moça**. São Luís: SIOGE/CEMAR, 1984, p. 11-15.
[39] Jornalista maranhense, já falecido, que muito publicou sobre cultura popular maranhense jornais de São Luís e do Rio de Janeiro, onde também residiu.

fofão, urso, caninha-verde, fandango, chegança, zé-pereira, cruz-diabo, água-de-cheiro, lança-perfume, rodó, ventarola japonesa, roque roque, reco reco e baralho.

Baralho, principalmente. Que era bloco de muita gente e saía das praias do Caju, da Camboa, de Roma Velha, da Madre de Deus, do Desterro, do Portinho, do Jenipapeiro, da Praia Grande, do Cais da Sagração, e Flô na frente, ia puxando o pessoal, levando o pessoal, e atrás dela iam pescadores de espinhel e de rede-de-zangaria, quengas da beira da praia, canoeiros, estivadores, carroceiros, verdureiros, motorneiros de bonde, brincantes de bumba-meu-boi com suas fantasias decoradas da festa de São João, caixeiras do Divino Espírito Santo, filhas de terreiros de mina, amassadeiras de juçara, fritadeiras de peixe, mercadoras de arroz-de-cuxá, bêbados, soldados de polícia, meganhas (*sic*), moleques pregoeiros de pamonha, manuê e derressol. Enfim, todo o mundaréu festeiro da minha cidade.

E lá ia Flô no seu vestido cor-de-rosa, de duchaise (*sic*), todo bordado de miçangas encarnadas, saia rodada com barra de croché, cheia de anáguas e combinação, e a carapinha enfeitada de jasmim, manjericão, paticholi, oriza, de jirau e pinhão roxo (pra cortar o mau-olhado), argolas de ouro velho nas orelhas e pau-de-angola no pescoço, e de chinelas de seda verde cobertas com paetê.

Do jeito que ia, com os peitos enormes, soltos, caídos, remexendo a bundona carnuda e rija, que fazia furor em todas as praias e festas de santo de largo, Flô mais parecia a rainha da Ilha do Maranhão.

Muito Flô exibiu sua arte e seu remeleixo debaixo das centenárias mangueiras do largo do João Paulo. Djalma Grande, um negão desse tamanho, estivador de ofício e que, de noite, ali vendia sarrabulho, cantava seu pregão engasgado e Flô desancava a chandanga no meio do povaréu abestalhado em ver tanto saracoteio.

Era assim: a multidão fazia roda, botava Flô no meio, e ela, ao som do socador, do pererenga, do baixinho, os tambores-de-crioula, e da muita lengalenga, agitava ora a peitança, ora a bundona, enfim o imenso corpo no bamboleio do carimbó.

O vozerio encachaçado da gentalha explodia, atiçando a negra:

- Aí, Flô!

-Ajeita as cadera!

-Penera baixinho!

-Mostra teu serviço, nega!

-Descaroça os quarto, que o Brasil é nosso!

-Ôi, ôi...

-Quebra...

-Machuca...

-De picadinho, Flô, de picadinho...

Eta, pedaço de mau caminho...

-Bicha boa no rebolado!

-Rebola pru riba...

-Rebola cum jeito...

-Rebola pru baixo...

-Rebola, bola, que te dou vinte mil réis...

-Vige, meu Deus, que nega danada no caroço...

E Djalma Grande com seu refrão engasgado:

Aí, Flô, óia teu ome,

Chega no meu sarrabulho.

Aí Flô, óia teu ome,

Meu arroz-de-jaçanã.

Cheio de grogue até à tampa, acontecia de um dos da roda atirar ao chão o seu chapéu de palha de carnaúba e dasafiar Flô:

-Ta í, Flô, tá i, quero vê se tu junta meu chapéu

cum a boca. Outro reforçava o desafio:

-Se tu ainda é a Flô véia de guerra junta o Chapéu de seu mano que te pago uma golada de inhaúca.

Flô então botava as mãos e a alma nas cadeiras. Requebrava, requebrava, rebolava, rebolava, o corpo abaixando, abaixando de mansinho. E havia olhares gulosos nas cadeiras de Flô, e a plateia de boca aberta com os requebros da negra volumosa e leve, desengonçada, reboladeira.

E havia palmas de doer as mãos, palmas incessantes e gritos:

-Ôôôôôôôôôôôôrrrre!

-Diaaaaaaaaaaaaacho!

-Tiauúúúúúúúúúú!

Flô arregaçava a saia, enrolava os babados e suada, com a boca escancarada num sorriso largo, rosa vermelha de carne no negrume do grande rosto, dava gritinhos que até parecia estar recebendo santo-do-fundo.

Tremiam os toros de braços de Flô no ritmo ofegante. Ela improvisava um relaxo:

-Não me negue seu naturá

A roda respondia, no ritmo, a uma voz:

-Aí, Flô, óia teu ome

Flô tornava:

-Meu azeite de dendê

O coro:

-Aí, Flô, óia teu ome

Flô:

-Fico cheia de lorota

O pessoal:

-Aí, Flô, óia teu ome

Ela arrematava:

-Quando tô perto de ocê

E abaixava o corpo. A negra era danada mesmo. Ia abaixando o corpo, abaixando, e o povo griatando:

-Chora, Flô grande!

-Mais tempero nas cadeira, nêga!

-Mais... mais...

-Mais um tiquinho...

-Isso... isso...

-Assim...assim...

-Beja a terra maranhnhense!

O pessoal torcia e retorcia as mãos, tinha gente que se encolhia toda, e Flô ali, mexendo, mexendo, remexendo, abaixando o corpo, abaixando.

Gitava um:

-Eta, miséria!

Gritava outro:

-Cada um dá o que tem!

Gritavam todos:

-E quem não tem não dá nada.

Flô já estava baixinha, com o rosto quase no chão.

-Vige, seu mano, e não é que a danada da negra ajunta mesmo o chapéu cum a boca...

Flô prendia o chapéu entre os dentes e começava a se levantar, toda inzoneira, o corpo mexendo, mexendo, a volumosa chandanga remexendo.

-Essa Flô...

Eis que alguém percebia a aproximação de soldados da polícia e dizia, num sussurro:

-Familiá, Flô, família...

Flô compreendia, sabia que a polícia proibia exibições assim, e passava a dançar sem trejeitos lascivos, ao ritmo de algum samba do último Carnaval da Turma da Mangueira. Pandeiros e tambores apareciam de repente, niguém sabia de onde.

-Toma teu chapéu, meu tio, e vamo metê a rama pra fechá o corpo, que tua nega tá hoje com dois quente e um fervendo.

Assim era Flô. Uma negra alta, gorda e simpática que ficou dançando carimbó no fundo da minha infância.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

RESUMOS E RESENHAS

GP MINA

TESE

SANTOS, Thyago Lima dos. MARANHÃO TERRA DE PAJÉ: os registros de pajelança em São Luís do Maranhão na passagem do século XIX para o XX. Tese de Doutorado, PPG em Ciências Sociais/CCH. UFMA, São Luís, 2017. Orientador: Sergio Figueiredo Ferretti.

Resumo

O campo de pesquisa sobre as religiões afro-maranhenses remete ao início do século XX. Embora o médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues possa ser considerado como precursor desse mesmo campo, as pesquisas só serão desenvolvidas de maneira mais sistemática depois da década de 1930, com as pesquisas de Octavio da Costa Eduardo, Nunes Pereira, Edmundo Correia Lopes e da Missão de Pesquisa Folclórica chefiada por Mario de Andrade. Ao se falar de religiões afro-brasileiras no Maranhão há uma associação quase automática entre essa expressão, o Tambor de Mina e a Casa das Minas, terreiro fundado na primeira metade do século XIX, sendo considerado o terreiro mais antigo de São Luís e um dos mais antigos do Brasil. Essa associação de ideias foi construída ao longo do tempo com o auxilio da produção acadêmica acima citada, que, ao concentrar esforços na compreensão de alguns terreiros, acabou por construir uma identidade do Maranhão como terra do Tambor de Mina. O presente trabalho defende a tese de que há uma relação muito próxima entre a produção científica essa identidade *Maranhão Terra do Tambor de Mina* e com a pouca variedade de pesquisas sobre o heterodoxo campo das religiões afro-maranhenses. Parte dessa produção acadêmica é vista aqui como uma espécie de *continuum* analítico, ou seja, criadora de um prisma pelo qual o campo de pesquisa sobre as religiões acabou observando o vasto cenário religioso ligado às populações afrodescendentes, mas preterindo algumas manifestações em favor de outras. Para corroborar a tese aqui defendida, partiu-se do instigante artigo de Mathias Assunção, *Maranhão, terra de mandinga* (2001), para propor uma abordagem mais contextualizada sobre a pajelança a partir dos jornais da cidade de São Luís no período final do século XIX e início do século XX. Com base nas matérias dos periódicos, vê-se que a pajelança, enquanto um "Conjunto diversificado de práticas lúdico-terapêutico-religiosas", que entrecruza referências de diferentes tradições

culturais [...] e que tem na proeminência do negro seu denominador comum (ARAÙJO, 2017, p70) é uma expressão e uma experiência religiosa com certas particularidades regionais que é tão (ou mais) antiga, conhecida e difundida quanto o Tambor de Mina, mas que ao longo da produção acadêmica não recebeu tanta atenção dos pesquisadores.

SILVA, João Ricardo Costa. PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: os desafios para a preservação do Centro Histórico de São Luís. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais. São Luís, 2016. Orientador: Profº Dr. José O. Alcântara Júnior

Resumo
A presente tese tem como objetivo analisar através de uma sociologia das práticas patrimoniais as ações e políticas efetivadas pelos órgãos de gestão do patrimônio especificamente o IPHAN (União), o DPHAP-MA (Estado), a FUMPH (Município), organismos administrativos responsáveis pela preservação do patrimônio arquitetônico, desenvolvidas no centro histórico de São Luís. Para situar o tema de estudo foi feito uma explanação sobre a evolução teórica da preservação do patrimônio histórico e dos aspectos históricos de formação do espaço urbano. Para mensurar a atuação das ações de preservação do patrimônio foi elaborada uma série de gráficos com informações sociodemográficas de mais de três décadas. Os mesmos foram criados por meio da classificação de variáveis populacionais e domiciliares da área com dados oriundos do IBGE. A pesquisa faz uma reflexão como as sucessivas etapas de intervenções conseguiram preservar parte considerável do conjunto urbano de tipologia portuguesa, contudo também é possível depreender a existência de problemas para a plena proteção do patrimônio histórico de São Luís. Conclui-se, que apesar da grande ênfase da inserção na Lista do Patrimônio Mundial da Humanidade, os desafios existentes para reutilização do patrimônio arquitetônico ainda são um grande entrave para sua preservação.

DISSERTAÇÃO

SANTOS, Maysa Leite Serra dos. **SILÊNCIO, VOU "LE" UM AVISO: A FUZARCA DOS FUZILEIROS** – **Um estudo histórico sobre o bloco Fuzileiros da Fuzarca**. São Luís: UEMA / Programa de Pós-Graduação em *História, Ensino e Narrativas*, 2017. Orientador: Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva. Banca: Dr. Antônio Evaldo Almeida Barros. Dr. Sergio F. Ferretti – 114 os Ilustr. Defesa: 30/05/2016.

Resumo:
A presente pesquisa adota como tema central a tentativa de compreender as mudanças pelas quais o bloco Fuzileiros da Fuzarca sofreu ao longo desses oitenta anos no carnaval ludovicense. Na perspectiva de compreender as mudanças ocorridas nesse remanescente das turmas de samba da década de 1930, considerado o bloco mais antigo em atividade no carnaval ludovicense, propõe-se enfatizar os instrumentos de análise sobre sua trajetória, sua preservação e transmissão de suas heranças identitárias e tradições que privilegiam suas redes de relações sociais, as transformações internas e externas representadas pelos atores sociais, possibilitando eixos norteadores que ocasionassem a multiplicidade das experiências humanas em sociedade. Procurando entender como, apesar das transformações, não apenas em sua composição, mas da própria sociedade que está em sua volta, sobrevivem e transmitem suas histórias, símbolos e identidades peculiares. Assim, na perspectiva de ampliação desse tema, essa pesquisa pretende colaborar com a discussão a respeito do carnaval maranhense, realizando um estudo histórico sobre o bloco Fuzileiros da Fuzarca fomentando a discussão sobre a valorização do patrimônio sociocultural brasileiro, perpassando pela narrativa e memória de seus protagonistas, enaltecendo sua oralidade como instrumento de preservação e transmissão do conhecimento histórico.

OLIVEIRA, Milena R. de. MANIFESTAÇÕES DA FÉ CATÓLICA: um estudo sobre as festas de N. Sra. do Remédios, N. Sra. da Conceição e N. Sra. do Rosário em S. Luís (1850-1875). 101 p. Dissertação de Mestrado em Historia. UFMA. São Luís, 2016. Orientador: Antônio Evaldo Almeida Barros. Banca: Lyndon Santos, Sergio Ferretti.

Resumo
Este estudo consiste numa pesquisa sobre as principais festas religiosas ocorridas em São Luís do Maranhão no período de 1850 a 1875. As festas religiosas englobavam três etapas: a primeira era a missa que acontecia dentro da igreja, a segunda era a procissão e, a terceira, envolvia a festa de largo. Este trabalho se ocupa especialmente com a segunda e a terceira etapa da festividade. Dentre as festas identificadas, aprofunda-se esta análise no festejo de Nossa Senhora dos Remédios, marcado pela presença de comerciantes, Nossa Senhora do Rosário, que aceitava escravos, e Nossa Senhora da Conceição, que aceitava livres e mulatos. O período de 1850 a 1875 foi escolhido pela disponibilidade de documentação e pelo maior controle que a igreja Católica resolveu exercer sobre seus devotos na segunda metade do século XIX. Realiza-se pesquisa bibliográfica, particularmente sobre festa e festa religiosa, e as principais fontes analisadas são compromissos, documentos que regulavam a administração das irmandades, jornais, coleções de leis, cartas pastorais e literatura.

ALVES, Joana Golin. A RELAÇÃO ENTRE ARTESÃOS E DESIGNERS NO MARANHÃO CONTEMPORÂNEO. Dissertação de Mestrado em Ciencias Sociais. UFMA. São Luís, 2015. Orientador: Paulo Fernandes Keller.

Resumo
Esta dissertação tem como objetivo apresentar uma analise sobre a relação social entre as trabalhadoras artesãs e os profissionais *disigners*, no caso da produção com a fibra do buriti no estado do Maranhão. Neste contexto investigamos os conteúdos de troca e cooperação presentes nesta relação e seus desdobramentos contemporâneos. Os profissionais designers chegam até as Associações e Cooperativas para o trabalho com as artesãs, intermediados por programas do governo federal e agências de fomento. Buscamos aprofundar o debate e a reflexão sobre as práticas de intervenção aplicadas pelos designer no objeto artesanal tradicional e os impactos gerados no processo de produção das artesãs.

LIVRO-CD

ENCANTARIA – **ANIMA**, 2017, Selo SESC-SP

CD+ Livreto sobre música antiga e música de tradição oral brasileira. É a segunda parte da trilogia – iniciada com “Donzela Guerreira” (CD lançado em 2010) – criada pelo grupo ANIMA como forma de reencontrar em nosso imaginário, e, claro, em nossa memória musical, mitos fundadores de nossa Cultura. O Grupo ANIMA recebeu o Prêmio Funarte de Música Brasileira, o Prêmio Carlos Gomes; o Prêmio APCA; e o Prêmio Movimento. Atuaram no CD: Gisela Nogueira, Luiz Fiaminghi, Marlui Miranda, Paulo Dias, Silvia Ricardino, Valeria Bittar, Cecilia Arellano (voz – artista convidada). “Encantaria” foi lançado em São Paulo, em concerto realizado no Espaço Cachoera, no dia 24/11/2017. Acompanha o CD um encarte elaborado com textos de Walnice Nogueira Galvão e de Mundicarmo Ferretti, além de outros escritos e fotos de integrantes do grupo que ajudam a transportar o ouvinte para o universo do grupo ANIMA. Cinco faixas do CD reproduzem músicas cantadas no Maranhão para o Rei Sebastião: *Rei Sebastião; Se a maré não fosse tão grande; As águas do Itaqui; Rei do mar; e Chamei na praia* informadas por Francelino de Xapanã, José Aleksandro Correia, Roberto Machado, Paulo Baiano e Tacito Borralho.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

NOTÍCIAS[40]

100 anos de Padre Jocy Rodrigues – Músico Brasileiro

Maranhense, Padre Jocy Neves Rodrigues fez 100 anos, em 25 de junho de 2017**.** Como missionário revolucionou o cantar litúrgico compondo salmos em ritmos populares: xote, baião, polca, o que facilitou o entendimento do povo de Deus às palavras e leituras bíblicas. Embora não seja conhecido pela grande mídia, até porque não era cantor, é admirado entre padres e comunidade católica e pelos maranhenses.

Sacerdote católico, escritor, professor universitário e grande musicista, foi responsável pela musicalidade popular do Coral da Universidade (UFMA) criado em 1972 - apresentação oficial em 28 de julho de 1973. Com o seu ouvido absoluto voltado para os ritmos de xote, baião, polca e para os sotaques dos tambores do Maranhão: bumba-meu-boi,(matracas, pandeirões, zabumbas, cuícas, tamborins e instrumentos de sopro e cordas); tambor de crioula, dança do caroco, fez arranjo para coro a 4 vozes de toadas de bumba-meu boi de Tutoia, "Suite: Cantigas de Boi", em que sabiamente percorre momentos de apresentação da brincadeira que vão desde a "licença" passeando pelo "roubo", "morte" e "urro do boi" (ressureição do boi) até a despedida da "moreninha", a quem os cantadores de boi sempre dedicam o seu canto. Arranjou também a toada "Urro do Boi" do grande cantador Bartolomeu dos Santos – Coxinho - Boi de Pindaré, sotaque da baixada; "As Filhas da Condessa", música de roda, brincadeira que marcou as diversões de rua das meninas nos meados do século XX. Brindou-nos com arranjos das músicas "Boi da Lua" – do compositor maranhense César Teixeira; "De Teresina a São Luís ou "Trem de Teresina", do compositor João do Vale, arranjo em parceria com o maestro Giovanni Pelella. Todas arranjadas a 4 vozes para que os cantores do Coral da UFMA, composto por universitários de variados cursos, tivessem conhecimento da beleza rítmica da música feita no Maranhão, principalmente as folclóricas. Das composições de músicas católicas recorto as mais conhecidas: "Foi o Amor", "Salve Maria"; o salmo "O Senhor é meu Pastor".

Nos seus mais de sessenta anos de sacerdócio Padre Jocy compôs mais de trezentas músicas. Escreveu entre outros livros "Escala Modais da Folk/Música do Maranhão no Caroço de Tutóia" (dança): "Evangelho em Ritmo Brasileiro", "Ritos Fúnebres", incelências cantadas durante exéquias nos vilarejos dos municípios maranhenses. Morreu em 07 de maio de 2007, concluindo sua jornada como pároco da Igreja Jesus Bom Pastor, no bairro Renascença, onde morava em São Luis, Maranhão.

Teatro Arthur Azevedo comemora 200 anos com homenagem ao compositor João do Vale.

A voz do povo, Poeta do Povo era assim que se identificava João do Vale nosso compositor do Carcará, Todos Cantam sua Terra, Pisa na Fulô, Peba na Pimenta, Estrela Miúda entre muitas que o consagrou no cenário nacional junto a nomes como Nara Leão, Chico Buarque, Maria Betânia, Zé Keti,

"João do Vale, o Musical" homenageia o artista maranhense; comemora os 200 anos do Teatro Arthur Azevedo e celebra a entrega ao público da casa de espetáculo reformada.

Idealizado pelo cantor e atual diretor do Teatro Celso Brandão, o Poeta do Povo faz parte da memória musical de Celso desde os 11 anos. Como cantor sempre incluía músicas de João do Vale em seu repertório e tinha um sonho, realizar algo que celebrasse João do Vale como um dos pilares da música nordestina. Primeiro idealizou o Projeto Chamado "João do Vale" em que cantaria no Teatro Arthur Azevedo um show inteirinho só com músicas do Poeta.

[40] Roza Santos – radialista aposentada; membro da CMF.

Ao ser alçado como diretor do Teatro, a ideia voltou-lhe à cabeça, principalmente, por acontecer em 2017 o segundo centenário da casa de espetáculo do Maranhão. Tinha chegado o momento de homenagear João do Vale pela sua carga de força e importância musical no estado. Afinal trata-se do maior gênio da música maranhense do século XX, referência no cancioneiro brasileiro.

O Musical conta em recortes a trajetória de resistência do nordestino maranhense João do Vale que cantando a sua terra impressionou jovens compositores e cantores que questionavam o regime militar na década de 1964/70

O elenco de atores e atrizes rememoram a vida dos companheiros de música num cenário brasileiro ditatorial: Vicente Melo, cantor e compositor interpreta João do Vale; Gisele Vasconcelos, (Nara Leão); Tiago Andrade (Zé Keti); James Pierre (Zé Gonzaga); Juliana Cutrim (Dorinha) ; Marconi Rezende (Chico Buarque); Millena Mendonça (Domingas); Victor Silper (Luiz Vieira).

O espetáculo “João do Vale, O Musical” reúne uma equipe que abraçou a ideia: Direção Geral e Concepção Cenográfica de Vinicius Arneiro; Dramaturgia, Felipe Correa; Diretor Assistente, Ivy Faladeli; Direção Musical de Luiz Junior; e Diretor de Movimento, Urias de Oliveira; Preparação Vocal de Ciro de Castro; Figurino de Cacau Di Aquino; Designer e Engenharia de Som de João Paulo; Músicos Luiz Junior, Darc Brandão e Danilo Santos; Produção Larissa Ferreira; Assistente de Produção Egnaldo Gomes, Ana Paula Fonseca, Fran Colins e Felipe Lima. Montagem e Execução Cenográfica de Well Pinto, Johny Smick e Márcio Dilan: Operadores de Som Paulo Henrique; Microfonista, Fernando Barata; Operador de Luz Abel Lopes; Contra- Regras, Baixinho e São Pedro; Fotografia Edgar Rocha; Produção Audiovisual Paulo Malheiros; Criação Gráfica, Clarissa Anfevi; Assessoria de Imprensa, Lorena Rodrigues. A Direção de Produção e Produção Executiva é do sonhador-cantor Celso Brandão.

100 Anos de Josué Montello

A Casa de Cultura Josué Montello realizou a VII Semana Montelliana comemorando os 100 anos do jornalista, professor, romancista, ensaísta, historiador, orador, teatrólogo e memorialista Josué Montello, na Casa que abriga a produção intelectual do escritor. Josué nasceu em São Luís, em 21 de agosto de 1917. Em seus romances Noite sobre Alcântara e Os Tambores de São Luís retrata as cidades de São Luis e de Alcântara com suas riquezas coloniais e queda após a abolição. A Semana realizada de 21 a 25 de agosto, além de exposições, lançamentos de livros, cordel e teatro, visitas guiadas e selo comemorativo, inicia com a Palestra “Por Quem Tocam os Tambores de São Luís”; com professor Arnaldo Niskier (RJ), imortal da Academia Brasileira de Letras. O professor e escritor Aldy Mello palestra “A Saga Maranhense”; escritor Reginaldo de Jesus, do Instituto Federal de Sergipe, fala sobre “A Obra Diarística de Josué Montello” e encerrando a Semana o Professor José Neres profere a palestra “ Montello: um Mestre na construção de narrativas Curtas”.

CMF tem nova diretoria

No dia, 15/07/2017 foram eleit@s para o biênio 2017-2019 da CMF: Joila Moraes (presidente), Marilande Abreu (Vice-Presidente), Lilian Alves (1ª Secretária), Roza Santos (2ª Secretária), Sergio Ferretti (1º Tesoureiro), Reinilda Santos (2ª Tesoureira). Para o Conselho Fiscal da CMF foram eleit@s: Carolina Martins, Gerson Lindoso, Mundinha Araujo (titulares); Deusdedit Leite Filho, Eliane Gaspar Leite, e Jandir Gonçalves (suplentes). O novo Conselho Editorial ficou assim constituído: Lenir P. dos Santos Oliveira; Maria Raimunda Araújo; Mundicarmo M. R. Ferretti; Roza Maria dos Santos; Sergio Figueiredo Ferretti; Zelinda de Castro Lima.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

OS CONTINUADORES DO TERREIRO DO EGITO

Mundicarmo Ferretti[41]

O Terreiro do Egito reuniu no passado, na área do Cajueiro, próxima ao porto do Itaqui, grande número de afrodescendentes e de pessoas ligadas às religiões de matriz africana do Maranhão, em rituais cuja memória permanece viva entre os membros das comunidades de terreiros de Mina, Umbanda, Terecô, Pajé e de curador. Talvez, por ocupar uma área de difícil acesso, o terreiro realizava poucas festas e rituais públicos durante o ano, daí porque é mais lembrado pela realização da festa de Santa Luzia, em torno de 13 de Dezembro. O Egito teve duas mães famosas: Basília Sofia, a Nha Bá, a fundadora, e Maria Pia, que a sucedeu. Com a morte de Pia, o terreiro esteve sob o comando de algumas de suas filhas e filhos (Celestrina ou Ancelina, do Engenho; Verônica, do bairro de Fátima; e Euclides Menezes, do Cruzeiro do Anil), todos com Casa aberta. E, depois de ficar por algum tempo quase desativado, deixou praticamente de funcionar, embora a área onde fora erguido o seu barracão não tenha sido ocupada por ninguém, até hoje. Apesar de desativado e acéfalo, vez por outra um grupo de mineiros de terreiros ligado a ele direta ou indiretamente realiza ali algum ritual ou ali comparece para prestar uma homenagem as suas antigas mães, como a Casa Fanti-Ashanti, no tempo de Pai Euclides.

A morte de fundadores ou de líderes carismáticos costuma provocar grande abalo nos terreiros de matriz africana. Além do longo período de luto que a sucede e de conflitos internos de sucessão, depois dela costuma ocorrer disputas entre a comunidade religiosa e os herdeiros do falecido. Devido a isso é comum o terreiro ficar sem funcionar durante muito tempo e perder muitos de seus membros, que passam a dançar em outras Casas ou que abrem novos terreiros, sendo acompanhados de vários dos seus irmãos de santo.

O terreiro do Egito continua vivo na memoria de muitos terreiros maranhenses, pela sua ligação mítica com a Àfrica e por ter sido berço de vários rituais e lugar de incorporação de entidades que ainda não eram conhecidas no Maranhão. Como a população original do Cajueiro e das imediações do Terreiro do Egito corre o risco de desaparecer dali, devido o avanço do

[41] Antropóloga; membro do GP Mina.

plano de instalação do polo industrial e do porto do Itaqui, não se sabe se o *Egito* vai continuar ali por muito tempo, como símbolo da presença do negro e da continuidade de sua cultura. Há quem diga que ali não se mexe porque aquela terra tem dono e ninguém deseja guerrear com encantado.

Apresentamos a seguir uma relação de terreiros ligados direta ou indiretamente ao do *Egito*, realizada em 2016, com a colaboração especial de Biné Gomes, do Terreiro de Iemanjá – da Fé em Deus -, que embora já deva estar desatualizada, por fechamentos e aberturas de outras casas, pode ser de grande importância para trabalhos futuros tanto de pesquisa quanto de ação política de resistência da comunidade do Cajueiro para permanecer na área ocupada por seus ancestrais e conhecida no Maranhão como 'morada de encantados'.

RAIZES DO TAMBOR DE MINA DO MARANHÃO:
O TERREIRO DO EGITO (I1ê Nyame)[42]
Morro do Egito – Itaqui-MA

FUNDADORA: Basília Sofia (Massinocou Alapong) – Nha Bá

SUCESSORES: Nhá Bá (1864-1911); Maria Pia (1911-1966); Ancelina e Celestina (?); Veronica (?); Euclides Menezes (? ate 2015)- (ver FERREIRA, E., 1997)

CONTINUADORES E REPRESENTANTES ATUAIS

1 **Terreiro da Boa Fé (T do Engenho)** - Tiririca1-São Luís-MA; Mãe Celestrina Ribeiro de Souza (+1974) - (extinto)

2 **Terreiro de Zacarias** - Maioba-São Luís-MA; (+ 1945)

2.1 Terreiro de Benedita Veloso - Bibi (de Oxum; Manoel Pretinho) - Bairro de Fátima-São Luís- MA (+1997)

2.2 Terreiro de Teófilo - Bairro de Fátima- São Luís-MA.

2.3 Terreiro de Arcangela - Rosário - MA

2.4 Terreiro de Maria Cerejo - Maioba-São Luís-MA

2.5 Terreiro de Angelo - Sacavém - São Luís-MA

3 **Terreiro de Margarida Mota** - Lira-São Luís-MA (de 1951); Mãe Margarida Mota da Silva - Rua Padre Roma - Lira (+1983); Mãe Vicença (+2016?)

3.1 Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade - Palácio de Obaluaiê - Ribamar Castro - Rua Simeão Costa, 317 - João Paulo-São Luís-MA (+2017)

3.2 Abassá afro-brasileiro Lego Xapanã - Orlando Machado da Silva (Bassú) - Belém-PA

3.2.1 Terreiro de Toi Lissá - Luiz Arnaldo Campos - Taiandô - Belém-P A

3.2.1.1 Terreiro de Mãe Vanda

4 **Terreiro de Verônica de Jesus** - de Rei Leão-(de 1953) Rua da Liberdade - Bairro de Fátima-São Luís-MA;

5. **Terreiro de Denira** - Bairro de Fátima-São Luís-MA; Mãe: Denira Ferreira de Jesus (+

[42] **Versão preliminar** realizada em 2016 por **Mundicarmo Ferretti** para discussão entre representantes dos terreiros e pesquisadores. Para maior informação sobre o Terreiro do Egito ver trabalhos publicados nos Boletins CMF (da Comissão Maranhense de Folclore), nº 60, 61(de 2016).

1965)

5.1 Terreiro Fé em Deus - Rua N. Sra. da Conceição, 180 - Sacavém-São Luís-MA CEP 65041-070 (de 1962?); Mãe: Elzita Coelho; celular 9 89185692

5.1.1 Terreiro de Pai Edson de Preto Velho - Rio de Janeiro-RJ

5.1.2 Terreiro de Maria Oliveira de Maria Bárbara e Caboclo Sete Flexa - Santos-SP

6 **Casa Fanti-Ashanti** - Rua Militar 1 I 58-Cruzeiro do Anil-São Luís-MA-CEP 65060-350 (de 1958); Pai Euclides Menezes Ferreira (+2015); Isabel - Kabeka; Celular 999709751;

6.1 Terreiro de João Guapindaia (?)- Joãozinho de Mariana - Belém-PA

6.2 Terreiro de Alberto - Belém-PA .

6.3 I1ê Nyakompon d'Abá - PA

6.4 Terreiro de Alfredo - Belém-PA

6.5 I1ê Sogbosy Inã - São Bernardo-São Luís-MA; Mãe: Maria dos Remédios Ribeiro Trindade

6.6 I1ê Xangô Ayrá - João Paulo-São Luís-MA; Mãe: Raimunda Nonata Silva Viegas;

6.7 I1ê Axe Alabedê Ti-Olodumaré - Zumbi dos Palmares-São Luís-MA; Maria Venina Carneiro Barbosa; fone 32646185, 91255579, 9 87225489; veninadeogum@gmail.com

6.8 I1ê Axé Akurô d 'Ogum; Av. Hilton Rocha nº 7 -Loteamento Santa Clara-Maiobão-Paço do Lumiar-MA; Cep 65137-970; Fone 32373757, 2745477; Pai: Itabajara Coelho S. Borges; itabajaracoelho@yahoo.com.br

6.9 I1ê Omõ d'Ossayin - Vila Embratel-São Luís-MA; Pai: Mariano de Ribamar Lindoso Frazão

6.10 I1ê D'Ogum Omo Oxaguian - São José de Ribamar-MA; Pai: Luiz Gonzaga Costa Lima

6.11 Terreiro de Mina Pedra de Encantaria

- Av. 14, quadra 9, casa 9 - Maiobão- Paço do Lumiar-MA Cep 65137-000; Fone 32372424; Pai José Itaparandi - itaparandicoelho@yahoo.com.br

6.12 Ylê Obá Izôo - Pai: Wender Pinheiro - Rua Tomé de Souza, 475-Liberdade-São Luís-MA Cep 65035-750; fone 81126687; obaizouayzam@uol.com.br ;

wenderpinheirooba@gmail.com

6.12.1 Terreiro de Mina Toy Xapanã - Babalorixá: Márcio - São Luís-MA

6.12.2 Terreiro Rei Bandeira - Babalorixá: Alexandre Ataíde - Macapá

6.12.3 Terreiro de Mina Nagô Nossa Senhora da Graça – Yalorixá: Yolete - Macapá

6.13 Terreiro de Maria Tereza -Praia dos Lençois-MA;

6.14 Terreiro de José Mario Araújo - Praia dos Lençois-MA

6.15 1Iê Oxalá Layê-MA

6.16 lIê Ode-Kousé-MA

6.17 I1ê Assiki d'Ogum-AM

7 **Terreiro de Iemanjá** - Tv. Fé em Deus - São Luís-MA (de 1956); fone: 32227034; Pai: Jorge Itaci de Oliveira (+2003); Mãe Dedé

7.1 IIe Ashe Toy Abidigar Pai: Antonio Carlos Machado Santos Rua 19 de março n 280 Bairro Monte Castelo - São Luís-MA

7.2 Terreiro Deus Quem Pode Mãe: Maria Jose Sousa Silva Rua Dagmar Desterro n. 78 Bairro de Fátima - São Luís-MA

7.3 Terreiro São Sebastião Mãe: Iracema de Jesus Martins Ferreira Avenida Principal n. 34 maracujá- Maracanã - - São Luís-MA

7.4- Aykongban de Mina Jeje Nagô Kambida Pai: Miguel Arcangelo Amaral dos Santos Rua 58, q. 141, casa 13 - Conj. Francisco Mendes - Cidade Nova - Manaus-AM Contato: 98 32216472\ 989961857819291326253 \ 82389794

7.5 Terreiro de Dambira Pai de Santo: Luís Washinton dos Santos Silva Rua São Miguel, n. 88, Vila Nova Republica - Maracanã - São Luís-MA. Contato: 988183264

7.6 I1ê Ashe Yasalare Mãe: Benedita Aguida Ribeiro Moreira Rua Rachid Abdala n.09 - Monte Castelo - São Luís-MA. Contato: 989105281

7.7 Ilê Ashe Toy Shapanan Pai: Mareio Angleson Santos Alameda Balsa n° 26 - Jardim Tropical - São Luís-MA.

7.8 I1ê Axe Senhor Ogum e Yansan Mãe: Elvira da Silva Bastos Belém-PA

7.9 Terreiro de Oxosse Mãe: Tania - Belém do Para

7.10 Casa de Mina Gege Nagô Dom Miguel da Gama Pai: Paulo Sergio Aquino da Luz (Serginho de Oxosse) - Travessa Comendador Pinho, n. 71 - Bairro Sacramento - Belém-PA

7.10.1 Casa de Rei Acosse Noche Nina de Abemanja- Conjunto Providência, Casa 02, n. 52 - Belém-PA

7.11. Mawukwe (casa de Pai Brasil- José Aluísio Esteves Brasil)

Endereço Conj Ariri Bolonha - Alameda Campos, n.7 - Belém-PA

Contato 91 981324849; 9132686885

7.11.1 Hhoirigbo

Pai de santo: Uelton Jorge Gonçalves d Amador. Park Arthur Bernades 2, Rua Nivaldo Cardoso n° 39 - Belém - Pará. Contato: 91 980934438

7.11.2 Asé Dahodumé - Võ Missâ e Sangô - Tambor de Mina Pai: Luís Claudio Monteiro Rua Luís Claudio dos Santos Gual nº 153 - Bairro Planalto Verde Ribeirão Preto - São Paulo-SP. Cep 14.056-580.

7.11.3 Casa de Minas de Ogum e Iemanja Pai Cesar Pitter Elias e Eliana Carvalho Moura Conj. Satélite WE 07, n° 565 Belém-PA Contato 91 981708158

7.11.4 Casa de Mina Jeje Nago de Toy Azile e Yemanja Pai: Max Wílson Silva da Silva; Cidade Nova V WE 56, n.1232 - Ananideua-PA Contato 91 981708158

7.12 Agamabossu (nome da casa) Mãe de santo: Simone Souza Brasil

Travessa Salgado Filho n. 51 - Ariramba- Mosqueiro- Pará. Contato: 91 982095903

7.13 Centro de Tambores de Mina Jejê Nagô Tóy Lissá Agbê Manjá Nochê Hunjaí Emilia de Tóy Lissá Agbê Manja. Pai de santo: Jorge Babalaô End: Rua Pintassilgo nº 100, Núcleo 2, Bairro Cidade Nova 2 – Manaus (?)

7.13.1 Terreiro Mina Gêge Nagô de Azaká Pai: Júlio/Dinho de Azaká End: Rua Patati. Quadra 94. Bairro Nossa Senhora de Fátima 2.Manaus-AM

7.13.2 Terreiro de Dan Mina Gêge Nagô Pai: João de Dan Mãe de santo: Nochê Hunjaí Emilia de Tóy Lissá Agbê Manjá End: Rua 85, Núcleo 14. Bairro Cidade

Nova 2. Manaus-AM

7.13.3 Terreiro de Mina Gêge Nagô de Navê Mãe: Orny de Navê

End: Rua Hamilton Mourão, nº 100. Bairro São Francisco - Manaus-AM

7.13.4 Casa de Mina Gêge Nagô de Oya Mãe: Síria de Oya End: Rua Bacabal 12a, Núcleo 2. Bairro Cidade Nova 2. Manaus-AM

7.13.5 Casa de Mina Vó Missã Mãe: Josiane de Vó Missã

End: Rua 7 de Setembro, n° 2109 - Parintins - Amazonas

7.13.6 Kwe Mina Vadoun Nochê Navê Sogbô Vodunsi Hunjaí Marinalva . de Navê End: Rua Bacabau, n? 147, Núcleo 2. Cidade Nova2. Manaus-AM

7.14 Casa Grande de Mina Jêje Nagô de Toy Lissa e Abê Manjá Nochê Rosangela de Abê -Abêkossu e Vodunnon Huevy de Lissá End: Conjunto Pedro Teixeira 1, Rua 1, Casa 120 e 122; Bairro: Coqueiro; Cidade: Belém-PA fone:91 32686472/989025931

7.14.1 lIe Ashe Sogbo e Ogum Endereço: Rua da Castanheira, Passagem Tancredo Neves s/n, Bairro: Independência - Cidade: Ananindeua-PA Yalorisha: Maria Jose Mesquita dos Santos Nome do axé: Kinaloya Fone:91 992311272

7.14.2 Casa de Mina Jeje Nagô de Toy Dangê lIu Nochê Ewoa Endereço: Conjunto Jardim Bela Vista, Rua São João, n1º - Bairro Tapana Cidade: Belém Yalorisha: Neli Virginha Ferreira Martins Nome do Axé: Dambirewoa Fone: 91981401942

7.14.3 Casa de Mina Jeje Nago de Abemanja e Toy Gbadé Endereço: Rua Osvaldo Meio nº39 Bairro: Santa Lucia ; Cidade: Marituba/Payalorisha: Aleteia.m.rocha - ya olobedeci Babalorisha: Leonardo Sales Sena Chagas - to tiakinodomokum Fone: 91 982836997/91 991664726

7.14.4 Kwe Mina Vodun-Gbadé ni Osun

Endereço: Pariquis, nº668, Bairro Jurunas, entre Bom Jardim e Monte Alegre Cidade: Belém-PA Yalorisha: Leila Limonge (Yeye omimkaya) Babalorisha: Antonio Limonge (Obahunfã). Fone: 91 81305950

7.14.5 Casa de Mina Toy Averequete ni kuala mukongo Endereço: Conjunto Maguariai: 24 nº46, Bairro: Parque Verde Cidade: Belém-PA Babalorisha: Marcelo Maciel Simoes Nome do axé: To Averejú Fone: 91983522353

7.14.6 Casa de Mina Jeje Nago Arakamazi Endereço: av Alcindo Cancela entre Bugari e Orquídea n0358 Cidade: Belém. Babalorisha: Luís Claudio Pereira da Silva Dangebesemin (nome do axé) Fone: 9132492191

7.14.7 Kwe ji vodun gumsemedó Endereço: Cidade Nova 8 we 39 Casa 472 Bairro: C Nova Cidade: Ananindeua/P A Yalorisha: Rita dos Anjos Cassiano - Hulifanan Babalorisha: Luís Claudio Cassiano: - Hugunbê

7.14.8 Casa de Mina Jeje Nago de Danbesses e Nochê Ewoa Endereço: Augusto Montenegro, 331 BI h I 04 Bairro: Augusto Monte Negro Cidade: Belem-PA Yalorisha: Roseane Laura C. da Rocha Nome do axé: Hwedansy Fone: 91 983889430

7.14.9 Kwe Mina Vodun Orum Gbadé Endereço: Av Raimundo Nonato Banha Correira Bairro: Muca - Cidade: Macapá-Amapá; Babalorisha: Romulo Souza de França Nome do axé: Obadesojí Fone: 96 981319231

7.14.10 Kwe Mina Vodun Aye Toy Polibobi Endereço: Rua 14, q 31, casa 52-Vilagio, Cohatrac v Cidade: Sao Luís-MA Babalorisha: Gilson Brito Nome do axé:To Hunakogí; Fone: 98981802712

7.14.11 Casa de Mina Santa Bárbara Endereço: Rua Esperanto Numero 804,

casa 70 c, Bairro: Marambaia Cidade: Belém-PA Yalorisha: Alcenia Gonçalves

Nome do axé: Ibgalési Fone: 91 993005973

7.14.12 Casa de Mina Jeje Nago de Ogum Xoroque e Nana Buluque Endereço: Av Bemando Sayao, Vila Santos nº50, Bairro: Jurunas - Cidade: Belém-PA - Fone: 91980537175 Yalorisha: Rosangela Siqueira dos Santos Nome do axé: Ya Xoronã

7.14.13 Casa de Mina Jeje Nagô de Toy Lepon e Nochê Navezuarina Endereço: Passagem Dalva 658, Bairro: Marambaia Cidade: Belem Yalorisha: Maria de Fatima Mendes Nome: Ya Lonanguê Fone: 9691018788

7.14.14 Kwe ji vodun Toy Lissa ni Osun Endereço: Barão de Rio Branco 699, Bairro: Flores Cidade: Manaus-AM Nome: Redson Soares Nome do axé: Lissarenan Fone: 92 981762449

7.14.15 Casa de Mina de Toy Averequete e Yamanja Endereço: Travessa 30 de Julho nº63 Bairro: Breu Branco Cidade: Santo Antonio do Taua-PA Nome: Eliana Màrtins dos Nascimento Nome do axé: Adonobédecy Fone: 91989508910 -

7.14.16 Casa de Mina Yamanja e Toy Agadjá Doçu Endereço: Conjunto Jardim Canarinho, Rua Treze de Agosto nº60, Bairro: Tapana Cidade: Belém-PA. Nome: Maria da Conceição Feio da Silva Nome do axé: Ayegumbeci Fone: 91988432168

7.14.17 Centro Espiritualista Tambores de Oxossi Endereço: Rua 2 de Julho, qd 10, n 19 - Bairro: Taparia Cidade: Belém-PA Nome: Vera Lucia Nome do axé: Odéruunsí

7.14.18 Vodun Kwe Mina Nocbê Navezuarina Endereço: Rua Conservatória 23, NúcIeo 8 - Bairro: Cidade Nova 2 Cidade: Manaus - AM Sacerdote: Lairton Brasil Nome do axé: Navelokunvi Fone: 92 991633020

7.14.19 Kwe Mina Vodun Gbadé Nisogbô Endereço: Travessa Radiobraz, nº12 - Bairro: Santa Rosa Cidade: Tabatinga-Amazonas Sacerdote: Armando Ruiz Nome de axé-To Obáfizã Fone: 97 991462547

7.14.20 Casa de Mina Jeje Nagô de Toy Aguê e Noche Navezuarina Endereço: Cidade Nova 5 we 35, número 782 - Bairro: Cidade Nova Cidade: Ananindeua-PA Yalorixa-Ligia de Paula Cassiano Nome do axé-Aloguesi

7.14.21 Casa de Mina Jeje Nago de Ogum e Yemanja Conjunto Arriri Bolonha Alameda Principal sn - Bairro: Sideral Cidade: Belém-PA Yalorixa- Cleia Goudinho Nome-Gumalessi

7.14.22 Casa das Minas de Ogum Endereço: Rodovia Augusto Meira Filho, Ramal Novo Horizonte, nº 60 Bairro: Livramento - Cidade Santa Bárbara-Pará Babalorixa: Sergio Nunes Filho Nome do axé: Husonogun

7.14.23 Casa de Mina Oxum Apara e Xangô Aira Endereço: Av Senador Lemos nº310 - Bairro Umarizal Cidade Belém-PA Yalorixa: Claudia Gama de Jesus Nome do axe: Manbédessi

7.15 Casa das Minas de Toya Jarina Fundador: Francelino de Xapanã Toy (+?)_ vodunon: Marcio Adriano Souza Matos de Bossujara Rua Itália n° 462 - Jardim das Nações Diadema - São Paulo Contato: 01156740902/967015758

7.15.1 Casa das Minas de Toya Jarina 2 (?) Nochê Sandra Aparecida Furtado de Xadatã Diadema - São Paulo Fundador: Francelino de Xapanã;

7.15.2 Vodun Kuê Toy Acosakpatá Kpo Poli Bogy - Rua Prof. Emilio José A. Uba, 8. Vila Leonice-Curitiba-PR; Pai: Anselmo de Acosakpatá

7.15.3 Casa de Mina Nochê Naveorualim - Rua Guiraponga, 165-Clube de Campo - Santo André-SP; Pai: João de Navê

7.15.4 Kuêbe Vodun Mina Jeje-Nagô Missê Eowá - Rua Zeferina Cordeiro de

Cristo, 54, Vila Grécia -Almirante Temandaré-Pk; Mãe: Enedina de Euá

7.15.5 Terreiro de Mina Nagô de Iemanjá e Ogum - Rua Romano Massareto, 30 - Parque São Francisco- Itatiba-SP; Mãe: Glória de Iemanjá

7.15.6 Casa de Oxóssi e Caboclo Guaracy - Rua Arapongas, 175-Jardim Campanário - -Diadema-SP; Mãe: Iraci da Aguê

7.15.7 Bagedô Mina Jeje-Nagô Vodun Toy Badé-Kpo Nochê Sogbô - Conjunto Renato Souza Pinto 1- Rua 7, Quadra 21, Casa 35 - Cidade Nova -Manaus-AM; Pai: Alberto Jorge Silva de Badé

7.15.8 Bou-Hou Mina Jeje-Nagô Vodun Toy Agadjá Doçu - Rua Rosa de Morais, 448 - Água Funda-São Paulo-SP; Pai: Leonardo de Doçu

7.15.9 Templo de Mina Nagô de Oxossi - Travessa Lúcio Apuleio, 14 - Jardim São Luís -São Paulo-SP; Mãe: Noemia de Aguê

7.15.10 Abaça Mina Jeje-Nago Nochê Navezuarina - Rua Rainha Vitória Eugenia, 607 - Vila Campestre-São Paulo-SP; Mãe: Vera de Navê

7,15.11 Kuêbe Axé Vodun Nochê Abê Manjá Orubarana - Rua Antonio Barreto, 377 -Umarizal-Belém-PA; Mãe: Solange de Abê

7.15.12. Kuêbe Axé Mina Jeje-Nagô Vodun Toi Badé - Terreiro de Mina Caboclo Caçador - Rua São Paulo, 108 - Vila São Vicente-Diadema-SP; Mãe: Maria Ferreira de Xagô Badé

7.15.13 Kuêbe Axé Toi Vodun Lissá - Rua Canopo, 350-Jardim Inamar-Diadema-SP; Pai: Afonso de Lissá

7.15.14 Terreiro de Mina Nagô Cabocla Mariana - Conjunto Rio Candeias

-Rua C 15, quadra 5, casa 20 - Aeroclube-Porto Velho-RO; Pai: Airton de Naveorualim (em organização em 200 I)

7.15.15 Abaça Mina Jeje-Nagô Nochê Naveorualim - Templo Caboclo Encantado Sete Flechas - Rua São João, 109 - Vila Cecília-Diadema-SP; Pai: Nilson de Navê (em organização em 2001)

7.15.16 Terreiro de Umbanda Pai Joaquim de Aruanda - Av, Tietê, 288-Jardim Paineiras - Diadema-SP; Pai; Antonio Bemardino de Acossakpata (em organização em 2001)

7.15.17 Tenda de Umbanda de Xangô e Caboclo Folha Verde - Rua Lagoa do Salgueiro, 270- Vila do Encontro - Jabaquara - São Paulo-SP; Mãe: Rita de Xangô (em organização em 2001)

7.16 Maria Oliveira Santos - de Oxum e Ogum - Belém-PA

7.17 Nicodemes Araújo de Badé e Ewa - Belém-PA

7.18 Terreiro Dom João - de Maria Machado- Belém-PA

7.19 Terreiro de LiIi de Xapanã - Belém-PA

7.20 Terreiro de Margarida Freitas de Jotim e Navezuarina- Pavuna - Rio de Janeiro-RJ

7.21 Terreiro de Joana Batista Amaral de Xangô Dom Joao e Mãe Maria - Belford Roxo - RJ

7.22 Osnan Josué (?) Gaspar - Vila Kosmo - Estrada Vicente de Carvalho - Rio de Janeiro-RJ.

7.23 Francisco Fernando de Badé - Belém-PA

7.24 Walmique Santos - de Loko - Manaus-AM

7.25 Terezinha Silva, de Yemanjá - Piauí

7.26 Eduardo de Oxalá - Jacarepaguá - Rio de Janeiro-RJ

7.27 Antonio - Nova Iguaçu-RJ

7.28 Airton Gouveia - Liberdade-São Luís-MA; celular 988235244,988281172; fone Claudia 988073585; 988022109; nzinga34@gmail.com

7.29 Centro Espírita Lírio de Santo Antonio; Rua Oliveira Lima, 210-Lira-São Luís-MA Cep 65026-060, fone 32315110; Mãe Dilma Aranha

7.30 Terreiro de Mina Dom Miguel- Babalorixá: Lindomar 988199391; 982758189 oreidofogo@hotmail.com

7.31 Danbiraxe mina vodun Pai: Neto de Azile; São Luís-MA fone: 88149696; neto.azile@gmail.com

7.32 Terreiro de Lourdes Magalhães - João de Araúna - São Paulo-SP

8 **Terreiro de Raimundo Memê**- Guimaraes-MA **(+)-**

9 **Ze de Ciriáco** - Zé Lutrido - Guimarães-MA (+); Pai Hildo Pinheiro

10 **Terreiro de Dica de Pemba** (?) - Cruzeiro do Anil- São Luís-MA; Mãe: (?)

11 **Terreiro de Manuel Curador** - Pão de Açucar - São Luís-MA; Pai: (?)

12 **Terreiro de Teodora de Longuinho** - Goiabal - São Luís-MA; Mãe: Teodora Silva /Nhá Toca (+)

13 **Terreiro de Rafina**- Cajueiro -(Itaqui-MA)

14 **Terreiro de Josefa** - Cajueiro (Itaqui-MA)

FONTES

FERRETTI, Sergio. O Egito na memória da comunidade do Cajueiro. **Boletim CMF** – nº60, junho, 2016.

FERRETTI, Mundicarmo. Egito - lugar sagrado, berço do baião e do canjerê**. Boletim CMF** – nº61, dezembro, 2016.

MARTINS, Carolina de Souza e PANTOJA, Elio. O Terreiro do Egito no contexto das lutas políticas contemporâneas na Ilha do Maranhão. **Boletim CMF** – nº61, dezembro, 2016.

CAMPOS, Luiz Arnaldo (Pai Taiandô). **A descoberta da Amazônia pelos Turcos Encantados**. DOCTV-TV CULTURA e ABEPEC/MEC;

FERREIRA, Euclides (Talabyan). **Agora é minha vez.** Casa Fanti-Ashanti, São Luís: Segraf, 2013.

FERREIRA, Euclides (Talabyan). **Álbum Fotográfico.** São Luís: Casa Fanti-Ashanti /VCR, 2004

FERREIRA, Euclides (Talabyan). **Candomblé a lei complexa**. São Luís: Casa Fanti-Ashanti, 1990 (p.9) .

FERREIRA, Euclides (Talabyan). **Pajelança**. São Luís: A Casa Fanti-Ashanti, 2003.

FERREIRA, Euclides (Talabyan). **Tambor de Mina em conserva**. São Luís: Casa Fanti-Ashanti, 1997.

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma**. São Luís: EDUFMA, 2000.

GPMina – PPGCSoc/UFMA – São Luís-MA (Coord. Sergio Ferretti) www.gpmina.ufma.br

TERREIRO DO EGITO - assinatura reunião (Associação Comunidade Cajueiro-Itaqui (2016).

OLIVEIRA, Jorge. **Orixás e voduns nos terreiros de Min**a, São Luís: VCR Produções e Publicidades, 1989, p. 22.

PRANDI. Reginaldo (org.) **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

SANTOS, Maria do Rosário C. **Boboromina: terreiros de São Luís, uma interpretação sociocultural**. SECMA/SIOGE, 1989.

TERREIRO DE IEMANJÁ - cadastro 19/11/2015 Bine Gomes)

SILVA, Anaíza Vergolino. **Ponto de santo** (pesquisa e texto). A música e o Pará V.8. SCULT. Secretaria Especial de Promoção Social. (Livro e CD). s/d.

ENTREVISTA INFORMAL

Joãozinho da Vila Nova

Zé Carlos (filho de Rafina - Cajueiro)

Maria Rocha (filha de prima de Mariazinha/Aiazinha - 92 anos em 2016- Cajueiro)

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

PERFIL DE CULTURA POPULAR
Dona Iolanda – continuidade e transmissão da mina no Terreiro de São Benedito/Justino [43]

Marilande Martins Abreu [44]

Dona Iolanda e dona Mundica (sentada) – Festa de Averequete - -Terreiro do Justino, 2016. Foto de Marilande Abreu (**?**).

Dona Iolanda, filha de Antonia Paulina de Freitas, é a chefe atual do Terreiro de São Benedito (Vila Embratel - São Luís-Ma), mais conhecido como Terreiro do Justino. Sua mãe,

[43] As informações aqui repassadas são decorrentes de entrevistas gravadas com dona Iolanda em trabalho de campo realizado nos meses de março, abril e maio de 2018, no Terreiro de São Benedito/Justino.

[44] Marilande Martins Abreu é antropóloga, dra. em Ciências Sociais/UNICAMP, profa. dra. do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e membro da CMF, publicou outros textos e artigos no Boletim da Comissão Maranhense de Folclore.

Antonia Paulina, chegou ao Terreiro levada por dona Mundica da Vila Passos[45]. Isso ainda na chefia de Maria Cristina Baima, que foi filha de santo da C*asa de Nagô* e saiu daquela Casa para abrir um terreiro num lugar distante, perto do Piancó, a mando de Averequete, chefe desse Terreiro desde então. Três meses após a chegada de dona Antonia Paulina ao terreiro de São Sebastião, dona Maria Cristina faleceu. A chefia da Casa passou então para dona Antônia da Silva Raposo, que viera da *Casa de Nagô* com Maria Cristina. Antônia Raposo foi a segunda chefe do Terreiro e quem iniciou dona Antonia Pauliana na mina. Dona Iolanda passou ainda pelas chefias de dona Otávia Enedina Serrão (dona Tatá) e de dona Mundica Estrela (Raimunda Venancia Souza Viegas).

A substituta de dona Mundica Estrela no comando da casa é dona Iolanda, filha biológica de dona Antonia Paulina, falecida há mais de vinte anos, e filha de santo de mãe Antonia Raposo. Dona Iolanda chegou no Terreiro de São Benedito/Justino com três a quatro anos de idade e permanece nessa casa até hoje. Em luto, em decorrência do falecimento da chefe, assumiu a função de guardiã e zeladora do único terreiro de tambor de mina fundado no século XIX, ainda em funcionamento em São Luís/Ma.

Nasceu em 1938, mas foi registrada com dois anos a mais, pois precisava aumentar a idade para trabalhar na fábrica, segundo explicou-lhe sua mãe. Aos sete anos sonhava com entidades espirituais e já mostrava ter dom para "essas coisas de mina", por isso, dona Antonia Paulina levou a filha numa senhora para "fazer um remédio". Assim fez, mas, aos 15 anos "caiu" pela primeira vez (entrou em transe) no Terreiro de São Benedito/Justino. Nessa época, nos disse, "quando se caía num terreiro já se ficava lá para se iniciar, para começar o tratamento. Ficava 41 dias - fiquei esses dias todinhos". Após essa preparação de 41 dias no terreiro, passou a participar de todas as festas e rituais do Terreiro. "Tinha muita coisa aqui no sítio: festa, bancada de menina, era cheio aqui", recorda.

Aos 18 anos afastou-se do Terreiro de São Benedito/Justino por cerca de um a dois anos. Havia discutido com Mãe Antônia Raposo, que era muito rígida e não suportava ser contrariada, explica dona Iolanda. Retornou para o terreiro após esse período e nunca mais saiu dele, participando de todas as festas e atividades rituais. A família de dona Iolanda vive o cotidiano do terreiro e da mina com ela: seus netos tocam instrumentos musicais no Terreiro e suas sobrinhas e filhas recebem ali entidades espirituais dançam na Casa. Casou-se, teve 06 filhos e adotou outros 04 filhos, ou mais, pois dona Iolanda é uma matriarca da mina e dos que estão em torno dela. "Os que perto chegam, perto ficam". Foi assim com sua ex-nora, uma filha que dona Iolanda ganhou após ela se separar de seu filho, pois dona Iolanda não queria se separar dos netos e, tampouco, quis que eles se separassem da mãe. Acolheu todos, netos e ex-nora moram todos com ela.

Essas são formas e expressões culturais do matriarcado que funda e que se institui no Terreiro de São Benedito/Justino, que dona Iolanda vivencia no dia a dia da mina e daqueles que a cercam. Sua patroa na mina é a entidade feminina Rainha Dina, que foi chefe também de Mãe Antonia Raposo. Sua mãe biológica, dona Antonia Paulina, tinha como senhora/patroa a cabocla Flora e, como patrão, ela tinha Caboclo da Bandeira (o mesmo João da Mata). E aqui há um relato interessante: dona Iolanda disse que tem certeza de que seu patrão é Dom João e não Caboclo da Bandeira, como havia afirmado dona Mundica. Como relatou: "Mundica me dava o patrão da minha mãe, Caboclo da Bandeira (João da Mata), mas não é ele o meu patrão, meu patrão é Dom João (Soeiro?). Uma vez eu disse para ela: 'Mundica, meu patrão não é esse que tu me dá, tenho certeza'. Ela começou a rir e disse 'ah, tu tem certeza? E eu disse, 'tenho certeza!', Caboclo da Bandeira passa por mim, mas, não é meu patrão, ele passa na minha sobrinha também, mas o Meu patrão é Dom João". Ela ria enquanto me relatava isso e eu pensei, enquanto via seu sorriso: "a mina se faz de segredos, conhecimentos e saberes"...

[45] Mundica da Vila Passos é a mãe-de-santo do conhecido Pai Itaparandi, fundador e chefe do Terreiro Pedra de Encantaria – Maiobão - Passo do Lumiar-MA.

Indaguei como se sabe, na mina, quem é o seu patrão? Ela respondeu entre lembranças e relatos: “Porque a entidade mesmo comunica pra pessoa... A entidade, ela passa em qualquer uma pessoa, basta ela gostar da pessoa. Como agora, se eu ficar mesmo na chefia, eu vou receber o patrão de Mundica, mas ele não é meu, mas ele é quem é o dono da Casa, Averequete, ele é que vai ser meu patrão agora... Eu não posso passar o meu ‘patrão’ na frente dele, quem tem que ficar na frente é ele. O meu tem que ficar de ladinho, ele vem, dá uma passada, mas quem é o dono é ele. O dono é seu Verequete, ele que é o dono da Casa”.E continua: “ele era de Tatá, ele era de mãe Antonia Raposo, ele era da velha” (numa refêrencia a fundadora do terreiro, Maria Cristina). E, continua: “ele vem passando de uma (chefe) para outra, ele que é dono da Casa. A gente não deve botar outro na frente dele, nem que queira, pode até querer, mas não bota!.”

Pai Averequete, dono da Casa, desce em todas as chefes, mas Barba Soeiro, que era a patroa de mãe Mundica, não necessariamente passou ou passará em outras chefes. Barba Soeira era a senhora de Mundica, que foi chefe, mas não será chefe de dona Iolanda, não foi chefe de dona Antonia Raposo, de dona Tatá e, segundo lembra, de dona Iolanda. Barba Soeiro não foi também a senhora/patroa de dona Maria Cristina.

Dona Iolanda está morando no Terreiro de São Benedito/Justino desde a morte de dona Mundica. A casa está em luto, mas isso não impede que ela questione seu lugar e o *porvir* de seu terreiro. Dona Iolanda é uma das muitas mulheres negras da periferia de São Luís cuja vida se entrelaça com a mina, tradição mítica e ritual que guarda, transmite e cultua um mundo de tradição onde encantados remetem aos ancestrais africanos e indígenas. Sua história de vida é uma história de resistência, luta e superação. A ela uma boa chefia e vida longa aos seus sonhos e projetos; que ela possa concretizá-los e vivenciá-los. Axé!

Referências bibliográficas

ABREU, Marilande M. (2016). Revista **Ideias**. *Entrelaçamentos entre simbólico e imaginário* – sacrifício ritual e simbolizações do feminino. Dossier: Os trabalhos das mulheres. Ano I, Nº 07, Nova série, 1º Semestre/16.

_____ (2009). *Um olhar sobre a tradição* – relacionando campo religioso e campo intelectual. São Luís, EDUFMA\UNICAMP.

FERRETTI, Mundicarmo. (2000). *Desceu Na Guma:* o Caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís. São Luís, EDUFMA.

FERRETTI, Sérgio. (1995). *Repensando o sincretismo*. São Paulo, EDUSP; São Luís, EDUFMA.